

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 5

PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

NÚMERO 1

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DOS ESTADOS UNIDOS.

PERSPECTIVAS MULTICULTURAIS



— FEVEREIRO DE 2000 —

EDITORIAL

Uma das frases eternas com que os Estados Unidos (sua história, perspectiva e realidade) se identificam é "*et pluribus unum*", ou seja, dentre muitos, um. Essas palavras descrevem como os Estados Unidos e a sua literatura evoluíram ao longo dos séculos, através da comunhão de diversas tradições para formar uma nação e uma literatura diferente das que existiam há um século, há uma década ou até mesmo há um ano.

Toda a literatura norte-americana é multicultural, multiétnica e multirracial, desde os dias pré-coloniais até hoje. Em alguns momentos da história, um grupo pode haver definido o multiculturalismo, no ambiente daquela época, como as

culturas europeias que fluíram para os Estados Unidos cem anos atrás e as culturas asiáticas e latino-americanas no ano 2000.

Hoje, a literatura norte-americana é rica em tradições mais recentes e algumas que se transformaram. Os cenários, sensibilidades e temas também se modificaram. Ao considerar os desenvolvimentos da literatura árabe-americana, asiático-americana, negra americana, hispano-americana e nativa americana, esta publicação apresenta ao público global a literatura multicultural atual em contínua evolução e uma seleção de talentos dotados de criatividade, à medida que continua o processo de renovação da literatura norte-americana no novo século. ■

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS

VOL. 5 / ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS INTERNACIONAIS DE INFORMAÇÃO / DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS / Nº. 2
ejvalues@pd.state.gov



FEVEREIRO DE 2000

ÍNDICE

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DOS ESTADOS UNIDOS: PERSPECTIVAS MULTICULTURAIS

6

COMENTÁRIO INTRODUTÓRIO

WILLIAM R. FERRIS

O presidente da Fundação Nacional das Ciências Humanas dos Estados Unidos faz breves reflexões sobre o tema desta Publicação Eletrônica.

8

A LITERATURA MULTICULTURAL NOS ESTADOS UNIDOS: ADVENTO E PROCESSO

JOHN LOWE

Neste resumo, o autor, professor universitário de língua e literatura, descreve o crescimento e o desenvolvimento desse corpo literário nos Estados Unidos, do período pré-colonial até os primeiros meses do século XXI.

13

OS FILHOS DE AL-MAHJAR: A LITERATURA ÁRABE-AMERICANA COMPLETA UM SÉCULO

ELMAZ ABINADER

A literatura árabe-americana é um novo fenômeno, ou conseqüência de um renascimento de temas e possibilidades? O autor, da primeira geração norte-americana de imigrantes libaneses, é professor de literatura criativa e notório poeta, romancista e artista teatral. Um perfil complementar descreve a carreira de Abinader e uma série de breves resumos apresenta outros proeminentes escritores árabes-americanos.

18

A LITERATURA ASIÁTICO-AMERICANA: TRANSFORMANDO O MOSAICO

SHIRLEY GEOK-LIN LIM

O grau de sucesso literário dos escritores asiático-americanos comprova a diversidade de preocupações temáticas que corre em paralelo com a homogeneidade contemporânea desse grupo multicultural, segundo o autor, professor universitário dos Estados Unidos nascido na Malásia. Um perfil complementar descreve o trabalho do talentoso romancista coreano americano Chang-rae Lee. Outros escritores asiático-americanos de renome também são brevemente apresentados.

24

A LITERATURA NEGRA NORTE-AMERICANA NO ANO 2000: UMA NOVA PRESENÇA

ROBERT B. STEPTO

Durante as últimas duas décadas, os escritores negros norte-americanos vêm explorando novos panoramas e temas e, neste processo, estão alcançando novos públicos. Neste artigo, o autor, professor de estudos afro-americanos, estudos norte-americanos e inglês da Universidade de Yale, analisa esse crescente impacto. As contribuições do ensaísta/romancista afro-americano John Edgar Wideman ao campo da literatura norte-americana são analisadas em um perfil complementar, juntamente com os resumos da obra de outros escritores afro-americanos contemporâneos.

28

A LITERATURA HISPANO-AMERICANA: DIVERGÊNCIA E CONCORDÂNCIA

VIRGIL SUAREZ

A literatura hispano-americana atual é rica, diversa e em constante crescimento, mesclando a história que lhe infunde um fervoroso sentimento de contemporaneidade. Neste artigo, o autor, romancista e educador cubano-americano, descreve as diversas correntes desta categoria literária e as propriedades distintas de cada uma. Um perfil complementar aborda a carreira da romancista/memorialista dominicano-americana Julia Alvarez. Diversos resumos curtos descrevem a obra de outros autores hispano-americanos.

34

A LITERATURA NATIVA AMERICANA: RECORDAÇÕES E RENOVAÇÃO

GEARY HOBSON

A expansão da criatividade e do interesse na literatura nativa americana é mais um renascimento que uma explosão, mais uma firme evolução e continuação que hoje se preocupa mais com a soberania que com a identidade, segundo o autor, professor universitário, poeta e ensaísta de herança cherokee/quapaw. Um perfil complementar aborda a carreira da poeta nativa americana Linda Hogan e uma série de breves biografias descreve a obra de outros escritores nativos americanos.

39

VOZES MULTICULTURAIS

Escritores de todo o espectro multicultural refletem sobre a diversidade da literatura e as influências específicas sobre sua própria vida e arte e suas sensibilidades.

41

BIBLIOGRAFIA E "SITES" NA INTERNET



SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

Editor-ChefeJudith S. Siegel
Editor.....Craig B. Springer
Editores-Gerentes.....Michael J. Bandler
.....Suzanne Dawkins
Editores Associados,.....Mary Ann V. Gamble
Referência/Pesquisa.....Kathy Spiegel
Editores Colaboradores.....Rosalie Targonski
.....Kathleen Hug
.Diretor de Arte/Projetista Gráfico.....Thaddeus A. Miksinski, Jr.
Assistente Gráfico.....Sylvia Scott
Editores de Internet.....Wayne Hall
.....John Miller

Corpo Editorial

Howard Cincotta Judith S. Siegel Leonardo Williams

O Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos Estados Unidos fornece produtos e serviços que expõem as políticas norte-americanas para audiências estrangeiras. O Escritório edita cinco publicações eletrônicas que examinam temas importantes enfrentados pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional. As publicações — *Perspectivas Econômicas*, *Assuntos Globais*, *Temas de Democracia*, *Agenda da Política Externa dos Estados Unidos* e *Sociedade e Valores dos Estados Unidos* — fornecem análises, comentários e informações básicas em suas áreas temáticas. Todas as edições das publicações aparecem em versões em idioma inglês, francês e português, com temas selecionados sendo também publicados em árabe, russo e espanhol. ■ Uma nova edição em língua inglesa é publicada a cada três a seis semanas. As versões traduzidas normalmente seguem-se ao original em inglês após duas a quatro semanas. A ordem em que as edições temáticas são publicadas é irregular, já que algumas publicam mais edições do que outras. ■ As opiniões expressas nas publicações não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo norte-americano. O Departamento de Estado dos Estados Unidos não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e pelo acesso contínuo de "sites" na Internet a ele relacionados; tal responsabilidade reside unicamente com os responsáveis por tais "sites". Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, exceto quando contiverem restrições de direitos autorais. ■ Edições atuais ou anteriores das publicações podem ser encontradas na Home Page Internacional do Escritório de Programas Internacionais de Informação na World Wide Web, no endereço <http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>. Elas são disponíveis em diversos formatos eletrônicos para facilitar sua leitura "on-line", transferência, descarregamento e impressão. Envie seus comentários à sua Embaixada local dos Estados Unidos — a/c Setor de Diplomacia Pública — ou aos escritórios editoriais:

Editor, *Sociedade e Valores dos Estados Unidos*
Equipe de *Sociedade e Valores -- IIP/T/SV*
Departamento de Estado dos Estados Unidos
301 4th Street, S.W.
Washington, D.C. 20547
Estados Unidos da América
E-mail: ejvalues@pd.state.gov

Antes de saber que havia algo como a literatura norte-americana, eu estava imerso em histórias. Criado no Mississípi, herdei rica tradição de contar histórias da minha família, meus vizinhos e meus amigos, negros e brancos; todos os quais, suspeito, haviam adotado o velho provérbio africano de que "quando morre um homem ou mulher velha, queima-se uma biblioteca no chão". É difícil resistir à magia de um avô que sempre disse que foi criado com "broa de milho e recordações". Ouvi histórias na varanda dos fundos nas noites enevoadas do sul e no gramado da igreja Rose Hill, onde as famílias negras faziam o culto desde antes da Guerra Civil. E comecei a colecionar minhas próprias histórias.

i cuaturl és uma fconeo
i m p n o r t a n t s d e o

amontlopaoae quedos norte-
americados coheçiam i ricalheança
cuaturl dca nssa naiçãoepaoae queaos
audiêncriasiant(r)2347(naacionie suea pr funem,)]

deenvolui um o
paixãopaori cunarpela o bra dos milhes a
mílias do su: WHilziamFaulknuer710.8, Alice,

Alex HaleyCoade um contva,s de ua,
ppróprie f(r)234.9m
pessoala dosEsotads Uniads. Divmersos
utgrostambéam ofizterm:s milhes mílias e,

diferentes pontos de vista, os escritores norte-americanos com diversas bagagens constróem pontes de entendimento, que todos nós podemos cruzar para entrar nos mundos dos demais.

Na Fundação Nacional de Ciências Humanas, reconhecemos como são vitais esses escritores e contadores de histórias, em todo o espectro da experiência. Por isso, criamos diversos programas para promover o entendimento entre as culturas. "Storylines America" é uma série de programas radiofônicos de bate-papo ao vivo, nos quais os ouvintes podem conversar com escritores sobre as crenças (e os estereótipos) que moldaram a identidade norte-americana. "As Pontes que Nos Unem" reúne as audiências de todas as idades em bibliotecas públicas

no sudoeste dos Estados Unidos para discutir a imigração e aculturação hispano-americana. Diversos professores escolares passam seus verões em seminários em campus de universidades, estudando a literatura multicultural norte-americana, para poderem retornar aos seus alunos revigorados pelos seus novos conhecimentos.

Por fim, o poder da literatura multicultural nos afeta a todos, pois a literatura define a verdadeira essência e a alma do nosso país. ■

William R. Ferris é escritor, estudioso do folclore, cineasta e administrador acadêmico. Em 1997, o presidente Clinton o designou presidente da Fundação Nacional de Ciências Humanas dos Estados Unidos. A Fundação é a agência do governo norte-americano responsável pelo financiamento de programas de ciências humanas sobre literatura, história, filosofia e idiomas estrangeiros em todos os Estados Unidos.

visão geral
A LITERATURA
MULTICULTURAL
NOS ESTADOS UNIDOS:

ADVENTO



PROCESSO

JOHN LOWE

"Os escritores de cor dos Estados Unidos ajudam a legitimar a literatura norte-americana."

— *Russell Leong, poeta e romancista sino-americano*

Nas universidades em todos os Estados Unidos, no limiar do século XXI, os estudantes que adentrarem a uma classe de literatura norte-americana se depararão com um programa que incluirá livros surpreendentemente diversos.

De fato, mesmo nas escolas secundárias, os adolescentes estão ruminando sobre os escritos de homens e mulheres com nomes que parecem impronunciáveis à primeira vista ou, pelo menos, não familiares. E mais, à medida que os jovens investigam esses livros, eles aprendem mais que os seus pais o fizeram durante o ginásio sobre as

experiências de representantes de diferentes grupos étnicos, raciais e de imigrantes que hoje são parte do mosaico da população dos Estados Unidos.

A literatura multicultural e imigrante pode estar se expandindo nos programas das faculdades e escolas secundárias, mas não é, de nenhuma forma, um fenômeno novo. Ele remonta à virada do século XX — quando legiões de europeus vieram para os Estados Unidos — e mais além, aos recém-chegados do século XIX e até mesmo, por exemplo, às histórias nativas americanas na tradição oral. E, já que os nativos americanos, como denota claramente sua identificação, são os únicos habitantes naturais do país, pode-se com razão argumentar que todos os demais escritores dos Estados Unidos são descendentes de outras culturas; na verdade, um grupo étnico. O foco deste artigo, entretanto, é sobre

a literatura escrita por imigrantes não-ingleses e seus descendentes, afro-americanos e nativos americanos.

Como parte do decurso de estudo, a literatura indígena norte-americana é um fenômeno relativamente recente. Quando Thomas Jefferson estudava na Faculdade William & Mary em meados do século XVIII, latim e grego reinavam na sala de aula. Já nesse século, a ligação colonial dos Estados Unidos com a Inglaterra ainda deixava uma marca: a maior parte das obras estudadas era de escritores ingleses. Na época da sua morte em 1891, de fato, Herman Melville era uma figura virtualmente esquecida. Emily Dickinson e outros poetas e escritores do século XIX, que agora são considerados "clássicos", tiveram que aguardar até os estudiosos do século XX os confirmarem e aclamarem para alcançar esta posição.

Entretanto, se escritores anglo-americanos brancos, nascidos nos Estados Unidos, precisaram esperar sua vez no primeiro século da história norte-americana, os escritores multiculturais passaram pior. Frederick Douglass, agora exaltado pela sua autobiografia "Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave" e outros tinham histórias para contar para um público leitor limitado. A mesma sorte sobreveio para as obras de outros notáveis escritores negros norte-americanos do final do século XIX: Anna Julia Cooper, Pauline Hopkins e Charles Chesnutt, por exemplo. Outros grupos étnicos e raciais não tiveram nenhum perfil. Gradualmente, entretanto, surgiram alguns indivíduos iluminados, como o romancista William Dean Howells, editor da prestigiada revista *Atlantic Monthly* no início do século XX, que tomou alguns desses escritores em seus braços, encorajando Chesnutt, Abraham Cahan (um imigrante judeu da Europa oriental) e o poeta negro Paul Lawrence Dunbar a apresentarem suas obras. Howells também utilizou-se de convencimento razoável nos personagens étnicos que falavam dialetos em "A Hazard of New Fortunes" e "An Imperative Duty", dois dos seus últimos romances.

Como podemos definir escritos multiculturais ou multi-étnicos? No começo, a etnia foi explicada em termos de cores —"vermelha", "negra" e "branca"—. À medida que passava o século XIX e o debate nacional sobre a escravidão aumentava, os cidadãos restringiram o foco para "negro" e "branco".

Embora os negros americanos tenham se tornado visíveis em todas as formas de expressão cultural nos Estados Unidos, principalmente durante a primeira metade da história da nação, eles foram descritos em textos originários do sul dos Estados Unidos e invariavelmente em papéis estereotipados. Apenas com a ascensão de grupos como os elegantes homens de cor de fala francesa, Les Canelles, cuja poesia discutia as complexidades de uma herança mista, emergiu uma voz étnica verdadeiramente distinta. No final do século XIX, o escritor George Washington Cable começou a opor-se à contínua opressão das pessoas de cor. Seu romance, "The Grandissimes", foi um relato heróico da escravidão contra o pano de fundo do rico mundo crioulo do Estado de Louisiana.

Gradualmente, surgiram outros escritos multiculturais. Um índio cherokee denominado John Rollin Ridge, ou Pássaro Amarelo, escreveu um romance notável em 1854, não sobre os cherokees, mas sobre um lendário bandido mexicano que cometeu assaltos na Califórnia de forma similar a Robin Hood. Em seu devido tempo, principalmente no século XX, as ricas tradições orais dos nativos americanos e afro-americanos — que incluem histórias, cânticos, músicas de trabalho, histórias criativas, lendas folclóricas e poesia — foram exploradas, primeiramente por acadêmicos de fala inglesa e depois por estudiosos dos próprios grupos multiculturais.

Principalmente, entretanto, no final do século XIX e início do século XX, a literatura multicultural encontrou seu público leitor através de colunas de jornais e revistas. Em Chicago, o jornalista Finley Peter Dunne criou um garçom, o Sr. Dooley, um irlandês americano falador que detalharia assuntos locais, nacionais e internacionais para uma audiência de uma pessoa, o patrão de nome Sr. Hennessey. Na cidade de Nova Iorque, os imigrantes judeus acompanharam fielmente o "Bintel Brief" no jornal

em língua iídiche "*Cahan's Forward*". Essa coluna, que consistia de cartas do recém-chegado em busca de conselhos e auxílio, era amplamente lida. E, em Oklahoma, o índio creek Alexander Posey criou colunas cômicas de jornais com o personagem Fus Fixico e seu parceiro Hotgun.

Houve alguns exemplos de literatura formal entre os grupos étnicos durante as primeiras décadas do último século. Mary Antin e Anzia Yezierska foram os pioneiros da literatura judaica americana com seus romances e biografias. "*Their Eyes Were Watching God*", de Zora Neale Hurston, e outras obras de escritores do Renascimento Harlem na década de 1930, tinham impacto limitado, mas "*Native Son*", de Richard Wright, enfocando um jovem negro de Chicago, foi um sucesso imediato em 1940 e também seleção do popular Clube do Livro do Mês, o primeiro romance de um escritor negro a ser escolhido como tal. Ainda assim, os escritos étnicos, particularmente os das mulheres, somente vieram a primeiro plano décadas mais tarde. Nos anos 1940 e 1950, na literatura afro-americana, o romance de "protesto" permaneceu dominado por Wright, Ralph Ellison e James Baldwin (embora os romances de mistério de Chester Himes tenham encontrado audiência).

Na era do pós-guerra, naturalmente, com o advento do movimento dos direitos civis nos anos 1960, o ativismo político e a migração da América Latina e Ásia a partir da década de 1970, era muito natural que a expansão da população multicultural dos Estados Unidos produziria um corpo literário considerável, em padrão que prossegue para o novo século. A questão era: como essa literatura encontraria o seu lugar na literatura norte-americana?

O estudo real da literatura multicultural surgiu gradualmente durante as últimas três décadas. Um estudante de uma universidade representativa no final dos anos 1960 poderá haver estudado um ou dois escritores, no máximo, no seu curso de pesquisa de literatura norte-americana. Isto era relacionado, como sempre, à indústria editorial, a quem os editores dos Estados Unidos estavam publicando, menos que

ao racismo e elitismo. O primeiro desafio da comunidade acadêmica era o de justificar com sucesso a necessidade de literatura étnica no currículo. O segundo era o de convencer os editores dos méritos desse corpo de obra. Alice Walker, autora de "*The Color Purple*" e vários outros livros, lembra-se de haver lido uma versão em fotocópia do histórico romance de Hurston na faculdade, imaginando por quem ela nunca havia ouvido falar dele e, mais ainda, por quem ele não estava disponível impresso em nenhum lugar.

Para causar impacto, a literatura multicultural necessitava ter sucesso em duas arenas. A primeira era nas salas de aula universitárias. As universidades são os locais em que os professores são treinados e os futuros acadêmicos aprofundam-se nos seus estudos e fazem escolhas de carreira com base nessa pesquisa. Neste sentido, as instituições de aprendizado mais alto têm ligação direta com os padrões de leitura estabelecidos pelas pessoas quando adultos. A segunda arena consistia das organizações nacionais, tais como a Associação da Linguagem Moderna, que promovem conferências anuais com milhares de participantes e um sem-número de apresentações escolares, que podem ser influentes tanto para acadêmicos em desenvolvimento, como para autoridades veneráveis.

Como recentemente no início dos anos 1970, o MLA ainda se restringia aos cânones norte-americanos, marcados pelas inclinações de Hawthorne, Fitzgerald, Faulkner e Hemingway e alguns escritores judeus contemporâneos do sexo masculino, tais como Philip Roth e Saul Bellow. Em um encontro anual, um grupo de jovens estudiosos pressionou, sem sucesso, pela necessidade de um painel sobre literatura multicultural; rejeitados, eles se reuniram no salão de um hotel para uma discussão improvisada sobre a literatura afro-americana. Daquela conversa momentânea, surgiu a Sociedade para o Estudo da Literatura Multi-Étnica dos Estados Unidos, ou MELUS. Com divisões em diversos países e planos de expansão para outros, a MELUS apresenta duas sessões anuais na conferência da MLA, promove sua própria sessão anual e edita uma publicação que apresentou a estudiosos vários novos escritores com diversas formações.

Naturalmente, a MLA possui elenco totalmente diferente nos dias de hoje. Na reunião mais recente do grupo, em dezembro de 1999, o programa incluiu sessões sobre etnia, hibridismo, transnacionalismo e muitos outros assuntos relacionados ao multiculturalismo. Na ocasião, também a Associação de Estudos Americanos, importante grupo profissional de professores de literatura e história norte-americana, promoveu ainda conferências sobre temas como a dinâmica do multiculturalismo e o impacto das fronteiras.

Com esses desenvolvimentos benéficos em organizações escolares e com a onda de novas chegadas aos Estados Unidos, o fato é que a literatura multicultural como direcionamento e disciplina surgiu principalmente de uma série de desenvolvimentos de estudos literários a partir da década de 1970. O trabalho de crítica europeia em relação à "diferença" na literatura encorajou os estudiosos dos Estados Unidos, tais como o professor Edward Said, da Universidade de Colúmbia, a explorar este tema — a posição de "a outra" e o exótico na literatura ocidental —. Como resultado, os estudiosos começaram a investigar escritores com diferentes antecedentes étnicos e raciais, tais como o escritor sino-americano Maxine Hong Kingston ou os nativos americanos Leslie Marmon Silko e Gerald Vizenor. Por fim, um decidido impacto emergiu da posição do professor de literatura da Universidade de Harvard Werner Sollors — em seu livro de 1986, *"Beyond Ethnicity"* — sobre uma nova definição de etnia, que depende de fronteiras ao invés de conteúdo. Sua determinação foi de que toda a literatura norte-americana era étnica e suas cuidadosas leituras tanto dos trabalhos dos cânones tradicionais como do crescente número de textos étnicos prontificou uma nova análise do próprio cânone.

Qualquer que seja o campo da literatura, um dos componentes mais vitais para o seu estudo é a criação de uma ou mais antologias — amostras de leituras representativas que, quando tomadas em

conjunto, podem formar a base para um curso de estudo —. Em 1982, o professor de literatura Paul Lauter reuniu mais de 40 estudiosos, incluindo diversos especialistas em literatura étnica, para um simpósio de verão na Universidade de Yale. As conversações foram projetadas para exibir, criticar e estabelecer os exemplos paradigmáticos da literatura étnica norte-americana para que uma antologia revolucionasse o estudo da literatura norte-americana. Desde a sua publicação em 1990 por uma editora acadêmica norte-americana e sua republicação por W. W. Norton & Co., um importante editor de ficção e não-ficção em geral com sede em Nova Iorque, o conjunto de dois volumes resultante, *"Heath Anthology of American Literature"*, provou ser um catalisador valioso para este campo de estudo. No seu rastro, seguiram-se inúmeras coletâneas que tratam a literatura norte-americana como um todo, com os escritores multiculturais bem representados, bem como volumes que cobrem disciplinas individuais. O número de antologias de literatura asiático-americana, nativa americana e outras aumenta ano após ano.

Quem são esses escritores multiculturais? Eles são numerosos e surpreendentemente diversos. Os estudantes de hoje nos campi das faculdades norte-americanas e, na verdade, os estudantes de conhecimentos e literatura norte-americana em todo o mundo, têm a oportunidade de examinar os escritos de romancistas, dramaturgos, poetas e memorialistas cujas raízes estão no Caribe e no México, Índia e Coreia, Paquistão e Vietnã, Líbano e Filipinas, bem como na América negra e nas nações nativas americanas.

É interessante notar uma possível futura expansão em uma nova direção no campo da literatura multicultural norte-americana. Um dos problemas que atormentam a comunidade acadêmica tem sido o fato de que quantidade significativa de obras incluídas apropriadamente nesta disciplina foi escrita em idiomas diferentes do inglês e, em seguida, mal traduzida. Como resultado, o Instituto Longfellow, recentemente estabelecido na Universidade de Harvard, está trabalhando para identificar, coletar e novamente traduzir literatura de diversas culturas e de todas as épocas. A recente antologia de Werner Sollors *"Multilingual America: Transnationalism, Ethnicity and the Languages of American Literature"*,

fornece uma idéia do trabalho sendo realizado em Longfellow.

Para ter certeza, esses desenvolvimentos que expandem a influência da literatura multicultural, paralelamente à sua real criação pela diversidade de contadores de histórias neste campo, não acontecem sem algum nível de controvérsia e debate. Cada novo compromisso entre professor e estudante pode ser intimidador, até que o assunto seja explorado. Ainda assim, atualmente se reconhece de forma geral nos Estados Unidos que parte da melhor literatura contemporânea deste país possui origem, narração, idéias e perspectivas multiculturais e que as questões de família, identidade, busca da auto-expressão e comunidade que são levantadas pelos membros de outros grupos étnicos e raciais na ficção e não-ficção abrange a todos nós. Por fim, dada a demografia em mudança da nação como um todo, a literatura multicultural é inequivocamente representativa. ■

John Lowe é professor de inglês da Universidade do Estado de Louisiana e autor de Jump At the Sun: Zora Neale Hurston's Cosmic Comedy "e outros livros.

OS FILHOS DE AL-MAHJAR: A LITERATURA ÁRABE-AMERICANA COMPLETA UM SÉCULO

ELMAZ ABINADER



Se a vida e energia de uma literatura são determinadas pela atividade que a rodeia, a literatura árabe-americana está experimentando um renascimento. Nesta atual atmosfera nos Estados Unidos, de apreciar e celebrar a literatura de cultura e imigração, muitos sentem que "descobrimos" a voz dos árabes americanos. O surgimento de revistas e jornais que destacam a cultura árabe-americana, a grande quantidade de organizações que aborda a imagem e a identidade árabe-americana, o acesso a "web sites" e mecanismos de busca especializados nos escritos dos árabes americanos, as antologias e impressões que reúnem vozes de árabes americanos, as conferências que possuem como temas centrais escritores árabes americanos e as convocações que enfatizam as obras de escritores e artistas árabes americanos criam a sensação de que a literatura árabe-americana é algo que acabou de emergir; que ela descobriu a América e que a América descobriu os escritores árabes americanos.

Não é este o caso. A tradição literária árabe-americana remonta aos primeiros anos do século XX e continua a florescer.

A literatura dos árabes americanos encontra-se nos programas de cursos de literatura étnica, literatura de imigração e vozes multiculturais. Os estudantes dos Estados Unidos e de outros países estão compilando bibliografias de literatura árabe-americana e escrevendo dissertações sobre a identidade literária de escritores árabes americanos.

Muitos acreditam que esta forte presença da literatura árabe-americana é parte da ascensão da "literatura étnica" nos Estados Unidos na década de 1970, ou seguiu-se a ela. Os escritores dos mundos hispano-americano, nativo americano, asiático-americano e afro-americano emergiram, acompanhados em menor grau pelos escritores árabes americanos. O que permaneceu em grande parte sem reconhecimento na década de 1970 foi que os árabes americanos estiveram entre os primeiros escritores imigrantes a organizar e obter reconhecimento como força literária pela ampla comunidade literária dos Estados Unidos.

Um desses primeiros contingentes, criados na década de 1920, foi conhecido como Al Rabital al Qalamiyah, ou a Liga de Escritores de Nova Iorque. Esta organização, mais conhecida como Al-Mahjar, ou "poetas imigrantes", compôs-se de escritores do

Libano e da Síria que freqüentemente escreviam em árabe e contavam com a colaboração de tradutores dos seus trabalhos. Ameen Rihani, Gibran Khalil Gibran, Mikhail Naimy e Elia Abu Madi foram as principais figuras desse período e são freqüentemente creditados pelo desenvolvimento do interesse pela literatura dos imigrantes de forma geral.

Enquanto Gibran é mais familiar para os leitores norte-americanos, Ameen Rihani é considerado por todos o "pai da literatura árabe americana". Suas contribuições viajaram em ambas as direções. Devoto da obra de Walt Whitman e do estilo de versos livres, ele cantou a si próprio e à sua América em grande parte da sua obra. O mais celebrado é o seu romance *"The Book of Khalid"* (1911), escrito em versos, que lidou diretamente com a experiência de imigrante. Além de ser escritor, Rihani foi também embaixador, viajando entre a sua pátria no Libano e os Estados Unidos, trabalhando pela independência dos otomanos enquanto desenvolvia uma vida literária nos Estados Unidos. Além disso, ele introduziu o verso livre ao cânone poético tradicional e cheio de fórmulas dos árabes já em 1905, o que ajudou a manter Rihani como figura importante na sua terra natal.

Durante a vida de Rihani, a vida literária dos árabes americanos ganhou força. O primeiro jornal em idioma árabe, *"Kawkab Amerika"*, foi fundado em 1892; em 1919, 70.000 imigrantes apoiaram nove jornais em língua árabe, muitos dos quais diários, incluindo o central e popular *"El-Hoda"*. Mas a publicação mais importante dessa época em termos da evolução literária dos árabes americanos foi a publicação *"Syrian World"*. Aqui, os mais celebrados escritores do início do século XX publicavam peças teatrais, poemas, histórias e artigos. O mais celebrado de todos era Gibran Khalil Gibran, que um dia tornou-se um dos mais populares escritores dos Estados Unidos.

Embora muitos estudiosos achem a obra de Gibran profundamente filosófica e elementar, na sua época ele teve a companhia dos grandes membros da literatura dos Estados Unidos (entre eles, o poeta Robinson Jeffers, o dramaturgo Eugene O'Neill e o

romancista Sherwood Anderson. A obra de Gibran, *"The Prophet"*, foi destaque de vendas do seu editor por mais de meio século e, em muitas avaliações, o segundo livro mais comprado nos Estados Unidos depois da Bíblia. Gibran e outros membros da Liga de Escritores liberaram os escritores árabes americanos de sua auto-consciência, abrangendo tópicos diferentes da experiência de imigração. Como dramaturgo, romancista, artista e poeta, ele inspirou outros escritores, músicos, artistas e mesmo o Congresso norte-americano, que estabeleceu a criação do Jardim de Poesia Memorial Khalil Gibran em Washington D. C., dedicado pelo presidente George Bush em 1990 à celebração da influência de Gibran e a temas universais.

Mas, se Gibran e Rihani foram celebrados com popularidade e honras, outros membros do grupo Al Rabital original, entre eles Mikhail Naimy e Elia Abu Madi, não atingiram seu merecido reconhecimento nos Estados Unidos, embora Naimy tenha sido um dia indicado para o Prêmio Nobel de Literatura. Dramaturgo, escritor de ficção, jornalista e poeta, ele era politicamente temperamental durante seus dias na Liga dos Escritores, definindo padrões contra a superficialidade e a hipocrisia na literatura. Freqüentemente mencionado nas páginas do *"The New York Times"*, seus trabalhos mais conhecidos são sua biografia de Gibran Khalil Gibran e *"The Book of Mirdad"*, escrito após seu retorno às filosofias orientais em busca de conforto e orientação em 1932. Embora sua poesia fosse escrita nos Estados Unidos, ela nunca foi traduzida para o inglês, exceto em antologias, tais como *"Grape Leaves, A Century of Arab American Poetry"* (1988), editado por Gregory Orfalea e Sharif Elmusa.

De forma similar, Elia Abu Madi nunca foi traduzido, embora tenha sido considerado o mais capaz e sublime dos escritores do Al-Mahjar. Seus temas incluíam temas do amor até a guerra. Como os demais escritores do seu grupo, ele foi fortemente filosófico e político, mas Madi e os demais escritores da Liga dos Escritores não se justificavam nem se explicavam como árabes para a audiência norte-americana. Embora muitos artigos no mundo sírio abordassem temas norte-americanos, na maior parte das vezes em visão positiva, os trabalhos desses escritores pesavam para o lado da universalidade.

Quase todos os escritores escreveram em árabe, embora eles fossem lidos além dos seus círculos.

A Liga dos Escritores se esvaiu até desaparecer, na década de 1940. Os escritores árabes, tanto imigrantes como filhos de imigrantes, não se reconheceram como grupo e não escreveram muitas vezes sobre herança ou cultura. Uma aparente exceção é *"Syrian Yankee"*, romance escrito em 1943 pelo sírio-americano Salom Rizk, uma história de imigrante com o tom sugerido de assimilação e aceitação.

Durante os anos do final da década de 1940 até o início da década de 1980, houve pouca identificação dos escritores com respeito à sua situação como árabes americanos. Entretanto, nesse período de transição, surgiram fortes poetas independentes. Samuel John Hazo, D.H. Melhem e Etel Adnan destacaram-se inicialmente como escritores independentes de classificação étnica, vestindo posteriormente o manto da identidade árabe-americana. Hazo, fundador e diretor do Fórum Internacional de Poesia da Universidade de Pittsburgh, é ativo na poesia há cerca de 30 anos, atuando como mentor de gerações de promissores jovens escritores. Em 1993, ele foi nomeado o primeiro Poeta Oficial do Estado da Pensilvânia. Sua própria obra reflete uma forte conexão local e a importância da observação e imaginação. Uma recente antologia, *"The Hole Surprise of Now: Selected and New Poems"* (1996), ilustra a abrangência e luminescência dos seus quase vinte livros.

Os poetas dessa época não foram apenas uma ponte entre as duas gerações de mais alta aculturação, mas também ligações diretas entre os escritos dos árabes americanos e o cânone literário norte-americano. D. H. Melhem, vencedora do Prêmio Literário Norte-Americano, desenvolveu o reconhecimento da importância das culturas sub-representadas na literatura norte-americana. Seus estudos críticos de escritores afro-americanos, particularmente Gwendolyn Brooks, foram altamente elogiados. Além disso, Melhem auxiliou a corrente principal da literatura árabe-americana, organizando a primeira leitura de poesia árabe-americana na

reunião anual da Associação da Linguagem Moderna em 1984. Etel Adnan, cuja reputação é mais internacional que norte-americana, deu avanços à publicação da literatura árabe-americana, criando sua própria editora, The Post-Apollo Press. Sua poesia, ficção e reportagem (*"Of Cities and Women"*, 1993) centraliza-se no Oriente Médio e nos distúrbios político-militares, especificamente em Beirute. Em seu romance, *"Sitt Marie-Rose"* (1991), ela escreve sobre a separação cultural cruzada contra o pano de fundo da constituição social da própria cidade de Beirute.

Adnan, Hazo e Melhem, juntamente com o verso irônico e elegante de Joseph Awad, prepararam o caminho para a geração atual de escritores árabes americanos, dos quais eles ainda são parte importante. Embora identificar-se de acordo com a herança cultural não fosse comum antes das décadas de 1970 e 1980, o clima político e as tendências literárias começaram a insistir a respeito. Com o ressurgimento da voz negra americana no final dos anos 1960, outros grupos multiculturais começaram a exigir lugar na história e na literatura dos Estados Unidos. Ainda assim, transcorreria mais de uma década até que os escritores árabes americanos alcançassem essa posição.

A publicação catalítica foi um pequeno volume de poesia, *"Grape Leaves"*, editado por Gregory Orfalea em 1982. Antes dessa data, não havia nenhuma antologia de versos que reproduzisse temas e sensibilidades similares. Em 1988, as prateleiras das livrarias receberam a antologia expandida por Orfalea e Elmusa, bem como *"Food for Our Grandmothers: Writings by Arab-American e Arab-Canadian Feminists"*, editado por Joanna Cadi (1994) e, mais recentemente, *"Jusoor's Post Gibrán Anthology of New Arab American Writing"*, editado por Khaled Mattawa e Munir Akash (1999). Esses volumes, apoiados por jornais como *"Al Jadid"* e a revista *"Mizna"*, fornecem abrigo tanto para escritores árabes americanos que abordam temas culturais e de identidade como para os que não o fazem. Essas antologias proporcionam aos leitores e estudiosos um centro de recursos para escritores árabes americanos, bem como oportunidade de avaliação das vozes coletivas.

Esses fatos tornam-se aparentes mediante o exame das antologias árabes americanas existentes. Primeiramente, a literatura árabe-americana agora origina-se de escritores cujos antecedentes incluem todos os países árabes, incluindo o norte da África e o Golfo, ao invés de apenas representantes do Levante. Em segundo lugar, os temas da literatura árabe-americana não são limitados a questões de cultura e identidade, mas são extensos e abrangentes. Atualmente, os escritores árabes americanos vão além das histórias e poemas que estão ligados à pátria natal e à herança. Suas expressões exploram novas visões, relacionadas com os anos passados na vivência nos Estados Unidos, e questões sócio-políticas domésticas que afetam sua vida diária. Em terceiro lugar, houve sensível aumento das vozes das mulheres na literatura árabe-americana, desde a década de 1970 e o advento de Melhem e Adnan. Isso tem sido principalmente parte da tendência nacional dos Estados Unidos, desde a ascensão do movimento das mulheres no final da década de 1960. No rastro de Melhem e Adnan, surgiram muitos outros.

Muitos dos poetas mais fortes nos Estados Unidos, fora de qualquer classificação, possuem origens árabes. A palestino-americana Naomi Shihab Nye tem sido repetidamente reconhecida como notável poetisa, escritora de prosa e antologista. À medida que ela incute senso de cultura nos seus poemas, pode-se muitas vezes referir-se a uma cultura que ela possui, visita ou inventou. Nye escreveu livros para crianças e reuniu poemas e pinturas de artistas e escritores árabes de todo o mundo na sua antologia *"The Space Between Our Footsteps"* (1998). Outros livros importantes de Nye incluem *"Never in a Hurry: Essays on People and Places"* (1996), *"Benito's Dream Bottle"* (1995) e *"Habibi"* (1997).

Parte da compreensão e da presença da literatura árabe-americana é resultado de escritores que desenvolveram domínio de escolaridade para o estudo desse trabalho. Evelyn Shakir, professora da Faculdade de Bentley, abriu os corredores da

escolaridade com seu livro *"Bint Arab"* (1997), no qual ela oferece retratos, através de narrações pessoais, de mulheres árabes assumindo o delicado equilíbrio entre suas próprias tradições culturais e a forma de vida e oportunidades que encontram nos Estados Unidos. Além disso, a escritora e poetisa Lisa Suhair Majaj desenvolveu estudos críticos do desenvolvimento da literatura árabe-americana. Em um ensaio que é tanto histórica como politicamente astuto, Majaj sugere que "... não necessitamos de fronteiras de identidade mais fortes e mais definitivas, mas sim de uma expansão e transformação dessas fronteiras. Ao ampliar e aprofundar nossa compreensão da etnia, não estamos abandonando nossas características árabes, mas dando lugar à complexidade das nossas experiências." Majaj e outros estudiosos, como Loretta Hall e Bridget K. Hall, criadores do exaustivo volume *"Arab American Biography"* (1999), seguem a obra de Orfaela e Elmusa ao criar os compêndios importantes que muitas pessoas têm como primeiro recurso para a literatura árabe-americana.

Alguns escritores de origem árabe-americana obtiveram sucesso além das audiências mais esotéricas e estudiosas, através de apelos a leitores comuns. O melhor exemplo atual é o da sírio-americana Mona Simpson, cujo romance de 1987 *"Anywhere But Here"* (a história de uma mãe solteira irrepreensível e sua impressionável filha adolescente) foi adaptado por um estúdio cinematográfico de Hollywood em 1999, estrelado por Susan Sarandon e Natalie Portman. Simpson é autora de duas histórias mais recentes, *"The Lost Father"* (1991) e *"A Regular Guy"* (1996). *"Arabian Jazz"*, de Diana Abu-Jaber (1993), também foi bem recebido por ampla variedade de leitores. Abu-Jaber não se reprime nos seus retratos da vida na comunidade árabe que sejam ao mesmo tempo auto-destruidores e engraçados, amargos e nostálgicos. Refrescando a memória, ela mantém vivas as questões de sobrevivência. Ao lado de *"Arabian Jazz"*, encontra-se *"Through and Through"* (1990), uma coletânea de contos de Joseph Geha que fornece uma visão brilhante e apaixonada da comunidade libanesa em Toledo, Ohio, atendendo ao tom auto-irônico de Abu Jaber em atmosfera política às vezes tensa.

Fielis à tradição árabe, os poetas contemporâneos da comunidade árabe-americana escrevem com paixão e compromisso sobre a sua identidade, vida e cultura, representando muitos estilos e vozes. Elmusa estabelece este ponto em um poema, quando ele implora aos "poetas, críticos/membros de outras tribos,/por favor não vamos reduzir a poesia/da tribo/a um conjunto de poemas/sobre a tribo". Seu pedido tem sido atendido por muitos poetas árabes americanos que, como acontece com escritores de diversas tradições culturais diferentes da linha geral, tornam as complexidades de identidade os pontos centrais da sua obra e personagens.

A nova geração está respondendo aos estilos e preocupações que parecem distantes das raízes de Gibran e Rihani. Suheir Hammad, por exemplo, em livros como *"Drops of This Story"* (1996), reconhece a afinidade entre suas experiências e a voz afro-americana. Em *"Heifers and Heroes"* (1999), ela evoca uma consciência cultural ampla, utilizando um ícone publicitário, o Homem de Marlboro, para evocar a vida nas ruas internas da cidade. Ela e outros desta nova geração estão também mais próximos da universalidade de Al Mahjar, em seus experimentos com a palavra escrita e falada, arte vernacular e de apresentação. O reuta os da palavrm

veidades imermeáveis quesurgmem ua obr,m
epecíficos daThitória e paíticulaimene ndo mandm

xpansão,malgos quegera uma(epecisalidade ra)]TJT*[geração de Al Mahja. D e fte,maa palavra faladm

m, t dasdas paíeas,ade deleilturasdberetasadm

ágimas eá reseila dasdentlogciaspoétricoste
oubirão de(199,e divertos)]TJT*-0.0001 Tc[viajlaai, par Chlipgos par umrevuntoThitórico:e a

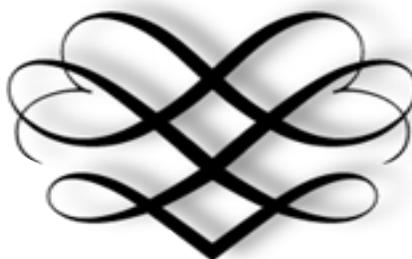
escritoa pa estnro-

www.hHnhand. co)séa um então dein ormdaçõe-
tualnzladso sobre alintealtura, cultura e olríti a

Alinteatur ilos escritores árabes americanos
coninsuara volueir como representação culturale-

A LITERATURA ASIÁTICO-AMERICANA: TRANSFORMANDO O MOSAÍCO

SHIRLEY GEOK-LIN LIM



O romancista norte-americano Henry James observou certa vez que é preciso muito tempo para produzir-se o florescimento da literatura. À luz dessa afirmação, a velocidade com que a nova literatura asiático-americana está surgindo pode ser considerada uma forma de história encapsulada, uma resposta entusiástica dos círculos literários da maioria norte-americana ao surgimento tardio de asiático-americanos na consciência dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, ela sugere que a tarefa de avaliação é urgente e complexa.

A avaliação de uma tradição marginal ainda emergente e em rápida transformação deverá evitar critérios definitivos extraídos de tradições literárias diferentes. Isso não significa que a avaliação seja inútil ou impossível. Ao contrário, como as literaturas emergentes são mais situadas em termos de conflito, provisórias e transitórias, elas devem incorporar seus próprios discursos críticos, interrogativos e auto-reflexivos; em outras palavras, uma auto-avaliação.

Uma pesquisa dos catálogos dos editores sobre literatura asiático-americana demonstra que, na década de 1990, esta disciplina tornou-se, para usar uma frase coloquial, um "acontecimento quente". Sua popularidade nos primeiros dias do novo século pode geralmente ser relacionada ao sucesso do movimento dos direitos civis das décadas de 1950 e 1960, a autores afro-americanos como W. E. B. Du

Bois do início do século XX, e Toni Morrison em décadas mais recentes, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1994. *"The Woman Warrior"* (1978), de Maxine Hong Kingston, a primeira obra asiático-americana a receber ampla aclamação, e *"The Joy Luck Club"* (1989), de Amy Tan, que estabeleceu aquela escritora entre os "best-sellers", fizeram surgir outros escritores cujas obras têm apelo de tal amplitude que são encontradas tanto em supermercados como em livrarias universitárias.

O interesse popular e acadêmico na literatura asiático-americana vem de anos recentes, com suas raízes diretas encontradas no ativismo estudantil em São Francisco e na Universidade da Califórnia em Berkeley, entre outros lugares nos Estados Unidos, no final dos anos 1960, que levaram à criação de programas de estudos étnicos interdisciplinares. Atualmente, as aulas de literatura asiático-americana são comuns em toda a educação superior dos Estados Unidos. Como resultado, esse corpo de escritores expandiu-se não apenas em visibilidade, mas também - e mais significativamente - em conquistas.

Publicações como *"Bridge"* em Nova Iorque e *"Amerasia"*, criada pela Universidade da Califórnia em Los Angeles, foram forças vitais para aumentar a popularidade de escritores asiático-americanos selecionados. Este interesse, que se intensificou nas últimas duas décadas entre leitores da maioria norte-

americana e editoras, trouxe com ele oportunidades renovadas e, ironicamente, uma crise de representação. Um sinal desta crise é o debate interno girando sobre os esforços para a definição de um "cânone" de textos (uma lista dos melhores ou mais significativos escritos) e o estabelecimento de um currículo fixo. Neste tema, à medida que as discussões abordam a provisoriedade e temporalidade, a literatura asiático-americana é particularmente um campo em mudança e freqüentemente contestado.

De que forma, ao final, pode-se definir as fronteiras da literatura asiático-americana? Três antologias antigas, "Asian-American Authors" (1972), "Asian-American Heritage" (1974) e "Aiiieeeee!" (1975), sugeriram que o paradigma de "formato único" era inadequado para uma compreensão da identidade cultural asiático-americana. Ao mesmo tempo, influenciados pelo movimento dos direitos civis dos negros na década de 1960, os editores de "Aiiieeeee!" (que publicaram posteriormente peças teatrais, romances, contos e poesia) argumentaram que a "sensibilidade" asiático-americana era um fenômeno americano distintamente diferente e sem relações com as fontes culturais asiáticas. Mas este ponto de vista evaporou-se ao longo dos anos, em face da crescente imigração asiática durante o último quarto do século XX.

Graças a esse fluxo de entrada, o percentual asiático da população dos Estados Unidos aumentou de 0,5% para mais de 3%. É interessante notar que "Aiiieeeee!" concentrou-se apenas em autores sino e nipo-americanos, a maior parte deles do sexo masculino. Em comparação, nos 25 anos anteriores à publicação da pioneira antologia, as livrarias norte-americanas foram invadidas por obras de americanos com descendência filipina, malaia, indiana, paquistanesa, vietnamita, coreana e outras, com as mulheres ampla e notoriamente representadas.

Muitas vezes, a literatura asiático-americana foi abordada por críticos e analistas a partir da única perspectiva de raça. Em outras palavras, a literatura é lida como centralizada na posição de identidade dos norte-americanos de descendência asiática e dentro do contexto de histórias de imigração asiático-americana e lutas legislativas contra polícias injustas e violência racial. A verdade é que diferentes histórias de imigração de comunidades de origem

nacional geraram escritos que refletem preocupações e estilos de diversas gerações. Os poemas em língua chinesa escritos por chineses imigrantes nos acampamentos de Angel Island (o local da chegada de imigrantes na Costa Oeste dos Estados Unidos) entre 1910 e 1940 e os "tankas" (forma de verso japonês) dos isseis (a primeira geração de nipo-americanos) foram traduzidos. Cada um fez sua adição ao "cânone" arquivado de literatura asiático-americana. As histórias e ensaios de Edith Eaton ("*Mrs. Spring Fragrance*", 1910), que adotou o nome artístico de Sui Sin Far para designar sua adoção à metade chinesa de sua ascendência, abordaram os problemas enfrentados pelos chineses e pelas pessoas de "raça mista" ou, como ela os denomina, os "eurasiáticos", nos Estados Unidos no início do século XX. "*America Is in The Heart*" (1946), de Carlos Bulosan, acompanha um imigrante filipino enquanto ele e outros trabalhadores imigrantes lutam por justiça social e aceitação. Cada um deles é parte da tradição asiático-americana.

No período anterior ao surgimento da nova literatura da era pós-guerra e mesmo posteriormente, as autobiografias eram o gênero preferido pelos imigrantes e pela primeira geração de escritores (isso é verdadeiro também para literaturas de outras etnias). "*The Grass Roof*" (1931), de Younghill Kang, "*Father and Glorious Descendant*" (1943), de Pardee Lowe, e "*Fifth Chinese Daughter*" (1950), de Jade Snow Wong, satisfizeram a curiosidade da audiência das majorias sobre os estranhos no seu meio. De fato, as experiências de residentes nipo-americanos durante a Segunda Guerra Mundial eram um tema importante para a prosa e poesia autobiográfica ao longo das décadas do pós-Guerra, conforme refletido em "*Nisei Daughter*" (1956), de Monica Sone, "*Farewell to Manzanar*" (1973), de Jeanne Wakatsuki Houston e James D. Houston, e os poemas de Mitsuye Yamada em "*Desert Run*" (1988).

Mas as comunidades literárias asiático-americanas não eram limitadas a uma era e local, nem a uma disciplina da literatura. Os escritores se comunicavam, e continuam a comunicar-se, através de uma variedade de gêneros, que inclui ficção, poesia, drama e história oral.

O primeiro romance publicado por um nipo-americano nascido nos Estados Unidos (ou nissei) foi *"No No Boy"* (1957), de John Okada, um ano após *"The Frontiers of Love"*, da sino-americana Diana Chang, receber respeitosa atenção. A guinada da produção literária desde então indica que a trajetória da tradição literária asiático-americana ainda se encontra em formação, de forma imaginativa.

A quantidade de conquistas nos últimos anos é impressionante. Após os prêmios colecionados por *"The Woman Warrior"* de Kingston, outros escritores asiático-americanos encontraram leitores e audiências desejadas. O romance *"Picture Bride"*, de Cathy Song, e a coleção de versos de Garrett Hongo, *"The River of Heaven"*, ajudaram a solidificar a reputação da comunidade literária asiático-americana nos anos 1980, da mesma forma que o fez *"M. Butterfly"*, a surpreendente peça teatral de David Henry Wang, e o drama de Philip K. Gotanda, *"The Wash"*.

Enquanto Tan emergia com *"The Joy Luck Club"* e Kingston prosseguia em sua ascensão com *"Tripmaster Monkey"* (1989), outros escritores vinham à cena, como Bharati Mukherjee (*"Jasmine"*). Os romances de estréia do sino-americano Gish Jen (*"Typical American"*), do coreano-americano Chang-rae Lee (*"Native Speaker"*) e do vietnamita-americano Lan Cao (*"Monkey Bridge"*) foram todos muito bem recebidos. Em 1999, o escritor sino-americano Ha Jin recebeu o Prêmio Nacional do Livro por *"Waiting"*, seu primeiro romance, passado no cenário da Revolução Cultural. No setor de contos, escritores como David Wong Louie (*"Pangs of Love and Other Stories"*, 1991), Wakako Yamauchi (*"Songs My Mother Taught Me"*, 1994) e Lan Samantha Chang (*"Hunger"*, 1998) receberam aclamação similar.

Esse espectro de conquista reflete a diversidade das preocupações temáticas da literatura asiático-americana paralelamente à heterogeneidade asiático-americana contemporânea. As obras asiático-americanas não estão situadas em uma tradição unida e coesa, nem a ela contribuem. Ao contrário, certos elementos culturais parecem ser compartilhados por autores de histórias e origens variadas. Preocupações similares podem ser vistas emergindo de uma visão de mundo específica do leste asiático, de construções patriarcais de gênero e afinidade e de experiências comuns de luta e isolamento no novo mundo dos Estados Unidos. E, ainda assim, não há nenhuma tradição única subordinada às diversas técnicas e estratégias que caracterizam as conquistas da literatura asiático-americana.

O fato é que representações heterogêneas (na literatura e na sociedade) ajudam a reverter o estereótipo dos "impenetráveis" asiático-americanos. Quando a filipino-americana Jessica Hagedorn deu à sua recente antologia de literatura asiático-americana o título de *"Charlie Chan is Dead"*, houve mais que um toque de ironia nessa referência ao detetive asiático-americano heróico, mas ainda estereotipado, protagonista dos romances dos anos 1930 do escritor anglo-americano Earl Derr Biggers e suas adaptações cinematográficas.

Até recentemente, os estudos asiático-americanos aceitavam uma noção psicossocial limitada do estereótipo. Psicólogos como Stanley Sue argumentavam que os euro-americanos justificavam historicamente sua discriminação sobre os asiático-americanos com preconceitos populares que denegriam os imigrantes como inferiores, doentes e que não eram bem-vindos. Esse estereótipo negativo infeliz do século XIX deu lugar em nossos dias a um estereótipo positivo dos asiático-americanos como educados, trabalhadores e vitoriosos, um modelo de minoria, uma visão que está encontrando presença crescente também na literatura, mesmo sendo o tema de debates contínuos com a comunidade.

Outro tema que surge além da análise de raças, é a análise de sexo, com muitas obras que contam as lutas das mulheres asiático-americanas contra atitudes patriarcais tradicionais. *"The Woman Warrior"*, de Maxine Hong Kingston, é um exemplo;

uma série complexa de narrativas sobre o crescimento em uma comunidade estruturada sobre linhas de raça e sexo.

Como na maior parte das sociedades tradicionais, os papéis de cada sexo nas comunidades asiático-americanas tendem a ser fixados e comunalmente escrutinados. As tensões causadas por essas estruturas vieram à tona na última década, em antologias de literatura asiático-americana como *"Home to Stay"* (1990) e *"Our Feet Walk the Sky"* (1993). De forma geral, a alta estima centralizada sobre filhos homens trouxe expectativa sócio-econômica mais grandiosa dos filhos homens. Esperava-se que as filhas mulheres se casassem, tornando-se parte dos lares dos seus maridos. De fato, a visão dominante em todas as sociedades do leste asiático era de que as mulheres eram submissas primeiramente aos pais, depois aos maridos e mais tarde, se viúvas, aos seus filhos homens.

A imigração para os Estados Unidos, uma sociedade em que os papéis dos homens e das mulheres são definidos de forma mais livre e fluida, coloca os valores sociais tradicionais sob tensão. Em consequência, esse desenvolvimento afetou a literatura. As obras da geração mais jovem, como *"Mona in the Promised Land"* (1996), de Gish Jen, e *"Monkey Bridge"* (1997), do escritor vietnamita-americano Lan Cao, expressam as confusões que surgem da distância entre as suas aspirações de auto-confiança e felicidade individual e as expectativas das suas mães imigrantes. Mas, mesmo anteriormente, logo após a Segunda Guerra Mundial, Jade Snow Wong e Jeanne Wakatsuki Houston, ao escreverem sobre a criação de meninas, fizeram reflexões similares sobre as inclinações de cada sexo em suas famílias.

Naturalmente, é verdade que os papéis de cada sexo são muitas vezes apresentados como função da cultura. Escritoras norte-americanas com origens no sul da Ásia, como Bharati Mukherjee e Bapsi Sidhwa (*"An American Brat"*, 1994), concentraram-se nas tensões culturais emergentes ao cruzar fronteiras nacionais. Os personagens homens asiático-

americanos enfrentam crises para compreender o significado da masculinidade, em livros como *"Pangs of Love"*, de Louie, e *"China Boy"* (1991), de Gus Lee. No amor ou na unidade da família, portanto, os asiático-americanos necessitavam negociar ideais em conflito de identidades masculinas e femininas.

O outro tema importante da literatura asiático-americana é o relacionamento entre pais e filhos. Este também tem fundamento histórico e social. Nos anos passados, devido às barreiras de idioma enfrentadas pelos imigrantes asiático-americanos, o ponto de vista dos filhos e filhas asiático-americanos de segunda geração, nascidos nos Estados Unidos, normalmente prevalecia na sua literatura. Já em 1943, a autobiografia de Lowe, *"Father and Glorious Descendant"*, proporcionou aos leitores norte-americanos o caráter de um pai dominante com uma comunidade étnica forte e coesa.

Enquanto os filhos de segunda geração muitas vezes rejeitam a expectativa social dos seus pais, os pais imigrantes não são simplesmente representações passivas de sociedades estáticas. Eles também são indivíduos que se separaram de suas comunidades originais ao mudarem-se para os Estados Unidos. Como resultado, os escritores asiático-americanos nascidos nos Estados Unidos retratam personagens patriarcais complexos, que são em si próprios figuras duplas. As obras de Yamamoto e Yamauchi descrevem relacionamentos entre mãe e filha que são propensos a conflitos que não são apenas familiares, mas também com base em sexo. Os evocativos contos de Lan Samantha Chang em *"Hunger"* são exemplos adicionais desse tipo de literatura.

O relacionamento entre pai e filho não são meramente representados como um conjunto de temas, mas também como padrões de estratégias narrativas: pontos de vista, enredos, personagens, vozes e escolhas de linguagem. O centro de consciência no poema ou na história afeta o fluxo de identidade para o leitor. A variação de vozes e tons dada aos interlocutores nos informa se os pais são imigrantes que não falam inglês ou interlocutores bilíngües, bem como se os filhos diferem amplamente dos seus pais ou não, em atitudes e valores culturais. O que raramente está em dúvida é o significado central do relacionamento entre pai e

filho nessas obras, iluminando o papel social primário desempenhado pelas famílias nas comunidades asiático-americanas.

Algumas dessas obras também são restritas a regiões. As narrativas de Okada, Toshio Mori e Kingston, por exemplo, são especificamente localizadas em enclaves da Costa Oeste dos Estados Unidos, enquanto *"Eat a Bowl of Tea"* (1961), de Louis Chu, tem lugar em Chinatown, em Nova Iorque, a um continente de distância. As obras oriundas do Havaí, como o romance *"All I am Asking for Is My Body"* (1975), de Milton Murayama, e os poemas e ficções de Lois-Ann Yamanaka em *"Saturday Night at the Pahala Theatre"* (1993) e *"Hanging"* (1998), de Blu, exprimem uma forte identidade do arquipélago e utilizam registros em inglês e recursos em dialeto específicos do coloquialismo havaiano. Temas similares identificados com as ilhas e registros estilísticos são evidentes nas antologias e títulos publicados pela Bamboo Ridge Press, do Havaí.

Invariavelmente, houve também uma mudança para técnicas pós-modernistas atuais nos últimos anos. As obras de escritores contemporâneos mais jovens, como *"In the Valley of the Heart"* (1993), da romancista Cynthia Kadohata, e os dramas dos dramaturgos Hwang e Gotanda, deparam-se com o genial romance *"Tripmaster Monkey"* (1989), de Kingston. Eles fazem experimentos com técnicas perspicazes como a paródia, a ironia e a imitação para desafiar as categorias interligadas de raça, classe e sexo e incluir identidade sexual como um dos temas centrais de identidade. Utilizando técnicas similares, *"Dogeaters"* (1990), de Jessica Hagedorn, passado nas Filipinas, critica o colonialismo histórico dos Estados Unidos e o regime de Marcos ao celebrar fusões culturais filipinas.

As antologias de gênero único oferecem amplo espectro de estilos e vozes. *"The Open Boat"* (1993) e *"Premonitions"* (1995) indicam novas direções para a poesia. *"Charlie Chan Is Dead"* (1993) e *"Into the Fire"* (1996) apresentam aos leitores a ficção recente. E duas antologias de 1993, *"The Politics of Life"* e *"Unbroken Thread"*, registram o que está acontecendo na dramaturgia. Existe uma saudável heterogeneidade evidente, bem como nas antologias recentes, centralizada nas origens nacionais individuais, tais como *"Living in America"* (1995), as

reflexões de norte-americanos com ascendência no sul da Ásia, e *"Watermark"* (1998), uma coleção de escritos de vietnamita-americanos, bem como um volume recém-publicado, *"Southeast Asian American Writing: Tilting the Continent"* (2000). E certamente existe uma rica variedade de identidades comunitárias, gêneros e estilos a serem encontrados em recentes antologias gerais, que incluem *"Asian American Literature"* (1996), de Shawn Wong.

Tomadas em conjunto, o propósito dessas antologias é o de proporcionar acesso satisfatório às obras originais, provocadoras e desafiadoras produzidas no último século. Aprofundando o equilíbrio entre obras conhecidas e aclamadas e escritos mais recentes, as seleções normalmente refletem considerações de significado histórico e temático e qualidade literária, um critério que muitas vezes é sujeito a saudável e feroz debate. Juntos, entretanto, a diversidade de estilos, gêneros e vozes testemunha a vitalidade da literatura asiático-americana.

Por fim, essa diversidade possui, em seu núcleo, o transnacionalismo: um movimento global de culturas, povos e capital. Este novo fenômeno fez com que os escritores criassem novas identidades para as pessoas e para eles mesmos. A classe dos asiático-americanos é uma miscelânea de asilados, refugiados, exilados e imigrantes que vêm chegando aos Estados Unidos há décadas, continuam a escrever e são publicados aqui. Até recentemente, entretanto, diversos mantiveram suas identidades de origem e até mesmo retornaram às suas terras de origem posteriormente. Um exemplo é o conhecido escritor chinês e acadêmico da Universidade de Colúmbia Lin Yu-Tang, que retornou a Taiwan após aposentar-se como professor. Apesar de haver escrito um romance passado nos Estados Unidos, *"Chinatown Family"*, meio século atrás, ele não foi classificado como escritor asiático-americano.

Hoje, claramente, essas fronteiras de identidade nacional são consideradas mais porosas, como resultado e fator que contribui para a globalização das culturas e das economias mundiais sob as forças das operações de mercado livre, acompanhadas por uma mudança para a construção transnacional maior da identidade norte-americana. Os escritores migrantes, imigrantes ou transnacionais, como os coreano-americanos Chang-rae Lee e Theresa Hak

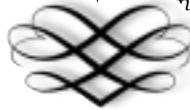
Kyung Cha, o indonésio-americano Li-Young Lee, a malaio-americana Shirley Geok-lin, os norte-americanos com origens no sul da Ásia Meena Alexander, Chitra Davakaruni e Bapsi Sidhwa, bem como Hagedorn e Cao, são novas identidades norte-americanas notavelmente em construção que contrastam de forma aguda com, por exemplo, o modelo eurocêntrico de capitalismo em seus estágios iniciais descritos por J. Hector St. John de Crevecoeur há mais de 200 anos em *"Letters from an American Farmer"* (1782). As identidades transnacionais do século XXI emergem, por outro lado, em um momento do capitalismo na sua maturidade e são dependentes de intercâmbios globais.

Os romances de Lee, Cao e Jin exigem consciência da estética binacional e bicultural e da formação lingüística. As ficções de Jin (que chegou aos Estados Unidos em 1985), por exemplo, passadas na China dos últimos trinta anos, embora recentes, são diferentes da novidade dos escritores nascidos nos Estados Unidos como Kingston, cujas tentativas de recuperar uma história étnica

resultam nas explorações de migrações reversas, dos Estados Unidos para uma China que ele nunca viu.

Ao ler a literatura asiático-americana, portanto, somos lembrados de que os críticos e professores devem mediar entre os novos textos e as tradições literárias norte-americanas historicamente construídas, entre locais sociais e identidades literárias das comunidades para as quais os textos estão falando. Juntos, as obras recentes de escritores asiático-americanos (tanto transnacionais, imigrantes como nativos americanos) ressaltam o fenômeno de publicação rápida e contínua reinvenção da identidade cultural asiático-americana. Ao reunir-se deliberadamente esses escritores, o cânone crescente da literatura asiático-americana sugere um conjunto coletivo de novas identidades norte-americanas que são flexivelmente transnacionais e multiculturais, que ajudam a transformar o mosaico multinacional que historicamente moldou os Estados Unidos. ■

Shirley Geok-lin Lim, atualmente em licença de seu magistério na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, está atuando como professora catedrática de inglês na Universidade de Hong Kong.



A LITERATURA NEGRA NORTE-AMERICANA NO ANO 2000: UMA NOVA PRESENÇA

ROBERT B. STEPTO



Durante a década de 1960, à medida que se expandia o movimento dos direitos civis, houve um sentimento nos círculos literários norte-americanos de que a literatura negra norte-americana encontrava-se no meio de um segundo renascimento, seguindo-se ao Renascimento de Harlem do mundo pré-Segunda Guerra Mundial.

Podia-se certamente considerar válida esta visão. Os anos 1960 assistiram ao surgimento da Negro Ensemble Company em Nova Iorque e incontáveis grupos teatrais menores em todo o país, bem como os movimentos mais radicais da arte negra, tanto na dramaturgia como na poesia. Proliferaram-se as publicações, desde novos títulos das principais editoras até novas publicações e extensos esforços de republicação de centenas de títulos fora de catálogo, como a reedição, em 1969, de *"Their Eyes Were Watching God"* (1937), de Zora Neale Hurston. Além disso, surgiram os primeiros cursos de literatura negra norte-americana nos programas de diversas faculdades e universidades. Por um lado, os estudantes trabalharam para a graduação do estudo da literatura negra norte-americana; por outro lado,

espalhou-se rapidamente a demanda de professores qualificados dessa literatura.

O que começou nos anos 1960 cresceu rapidamente nas décadas que se seguiram, e certamente parece ser um movimento contínuo de tradição literária na virada do novo século. Esta expansão tem sido tão dramática que somos tentados a afirmar que o segundo renascimento já passou, não porque "o negro não está mais na moda" (o final do Renascimento de Harlem), mas porque o negro norte-americano está na moda e na maioria. É razoável afirmar que, se a Depressão dos anos 1930 matou o Renascimento daquela época, a prosperidade permitiu que o segundo renascimento prosperasse. Atualmente, a literatura negra norte-americana não é mais tão marginal, inovadora ou limitada em seu número de leitores que seu término é incerto. Hoje, virtualmente toda corrente literária nos Estados Unidos inclui diversos proeminentes escritores negros norte-americanos, a tal ponto que não se sobrepõe nenhuma definição do escritor negro norte-americano.

Embora seja óbvio que os talentos negros norte-americanos estejam trabalhando em todos os principais gêneros literários, o que pode ser menos

óbvio é quais novas direções eles estão tomando nessas disciplinas. Na ficção, por exemplo, embora os registros históricos não sejam novos, o que parece intrigante é o novo esforço de escrever as histórias de escravidão. *"Beloved"* (1987), de Toni Morrison, por exemplo (que pode haver sido o catalisador de seu Prêmio Nobel de Literatura) é um exemplo surpreendente da nova imagem da escravidão. Ao invés de oferecer a história familiar do escravo homem líder de rebeliões (cujas versões iniciaram-se em 1853 com *"The Heroic Slave"*, de Frederick Douglass), ela apresenta a história de Sethe, uma escrava que preferiu matar sua filha a vê-la subjugada. Nesse sentido, também as histórias e os romances de Charles Johnson são inovadores em termos de visão e sensibilidade. A premissa inicial do seu romance de 1990 ganhador do Prêmio Nacional do Livro, *"The Middle Passage"*, é que o herói negro é tão desprovido da sorte que, quando ele aborda um navio para evitar o casamento, escolhe inadvertidamente um navio negreiro. Esta é a essência do humor negro, oriundo da escravidão. Ainda assim, esperou-se até uma década atrás para que um escritor se arriscasse a encontrar esse humor na história do agonizante trajeto da África para as Américas, que estava no centro do comércio de escravos. Em outras palavras, os escritores negros americanos da literatura são suficientemente auto-confiantes atualmente para poderem abordar um tema amplamente discutido de forma diferente, mesmo exprimindo críticas ou algo que não poderiam haver criticado anteriormente. Neste sentido, eles estão seguindo o passo dos historiadores da experiência afro-americana do último quarto do século passado, que estabeleceram o caminho para novas perspectivas.

Ao manterem o adágio de que novas experiências ocasionam novas histórias, os escritores negros norte-americanos recentes vêm escrevendo sobre novos locais e vizinhanças, novas escolas, amigos e situações de trabalho. Isto pode ser parte da razão por que eles estão alcançando novas audiências. Como resultado, Terry McMillan, em livros como *"Waiting to Exhale"* (1992) e *"How Stella Got Her Groove Back"* (1998), pôde descrever mulheres negras vitoriosas ao encontrar o amor em ambientes variados e também alcançar amplo número de leitores. Darryl Pinckney, em *"High Cotton"* (1992),

pôde atrair e entreter os leitores com sua visão do refeitório corporativo. *"Sarah Phillips"* (1984), de Andrea Lee, *"Home Repairs"* (1993) e *"Right Here, Right Now"* (1999), de Trey Ellis, e *"All-Bright Court"* (1991), de Connie Porter, representam a obra de três jovens escritores que, ao simbolizarem um ambiente de classe média, apresentam de forma incisiva situações negras relativamente novas.

Igualmente fascinante é a ascensão de escritores negros norte-americanos nos chamados subgêneros, como ficção científica e romances policiais. Octavia Butler, em livros como *"Kindred"* (1988), que mistura as sensibilidades negras do século XX com a história do século XIX em uma deformação temporal, trouxe uma nova perspectiva para a literatura negra norte-americana. Walter Mosley fez avançar a posição das histórias de mistério dos negros norte-americanos para além da obra anterior de George Schuyler, Chester Himes e Ishmael Reed, combinando aquele formato com a narrativa da migração negra. Com Easy Rawlins como protagonista em livros como *"Devil in a Blue Dress"* (1990), os romances de Mosley são vívidos devido à confrontação de migrantes negros do Texas e da Louisiana com a atual Los Angeles, Califórnia. De encontro com o gênero de mistério, está a presença de diversas mulheres escritoras. Em livros como *Blanche Among the Talented Tenth* (1994), Barbara Neely transforma primorosamente uma personagem negra familiar da cultura popular - a criada - na investigadora inteligente e observadora que freqüentemente são ou podem ser as governantas. Os romances de Valerie Wilson Wesley, incluindo *"Where Evil Sleeps"* (1996), centralizam-se em Tamara Hayle, uma investigadora particular que, através das suas circunstâncias específicas de ser negra e mãe solteira, encontra discernimento e motivação pessoal. E Pamela Thomas-Graham, em *"A Darker Shade of Crimson"* (1998) e outros romances, trouxe o romance de mistério e uma heroína negra para os campus sagrados das principais universidades norte-americanas.

Os negros norte-americanos fizeram contribuições significativas à poesia e à dramaturgia e assim estão fazendo também hoje. Rita Dove, homenageada com a denominação de poetisa laureada dos Estados Unidos no início dos anos 1990, bem como um Prêmio Pulitzer, é certamente uma das mais

excepcionais poetisas da geração atual. Sua última coletânea, *On the Bus with Rosa Parks* (1999), sua sétima, é uma especulação de amplo espectro sobre os relacionamentos familiares, estabelecida sobre o tema e sentimento no centro do seu livro anterior, *"Mother Love"* (1995). Dove distinguiu-se recentemente como dramaturga, com *"The Darker Face of the Earth"*, sua versão de Édipo de Sófocles, passada em uma plantação do sul dos Estados Unidos durante a era da escravidão no século XIX. Está sendo apresentada em diversos locais em todos os Estados Unidos. Em coletâneas como *"Thieves of Paradise"* (1998) e sua anterior *"Neon Vernacular"* (1993), entre outras, Yusef Komunyakaa, outro poeta negro norte-americano vencedor do Prêmio Pulitzer, distinguiu-se através de representações violentas da guerra e disputas, mesmo quando é encontrado em imagens de arte e música, com estilo ressonante com alusões do blues e jazz. E Marilyn Nelson, cuja poesia atingiu invariavelmente profundas memórias da sua própria infância à medida que discute os relacionamentos interfamiliares e a posição da mulher na sociedade, lida com a liberdade, a posição e o heroísmo negro norte-americano em um livro recente, *"The Fields of Praise: New and Selected Poems"* (1997).

Na dramaturgia, a questão freqüente não é apenas o que é novo e importante, mas também o que é acessível em forma de texto escrito. Felizmente, os editores mantêm em catálogo diversos dos dramas eternos de Langston Hughes, de anos atrás, e continuam a publicar a série em andamento de obras do dramaturgo vencedor do Prêmio Pulitzer August Wilson, um ciclo de dramas do século XX (cada um passado e refletindo uma década), que inclui *"The Piano Lesson"*, *"Seven Guitars"* e *"Fences"*. Nessas obras, abundam a memória e história, personagens fortes e lições intergerações. Seu último trabalho, *"King Hedley II"*, teve recentemente sua estréia mundial em um teatro profissional em Pittsburgh, Pensilvânia, no mesmo momento em que sua última peça, *"Jitney"*, está a caminho da Broadway.

Pela primeira vez desde os anos 1960 e 1970, quando as obras de James Baldwin, Charles Gordone, Joseph Walker, Amiri Baraka, Ron Milner e outros tiveram vez em página impressa, os editores são sensíveis à publicação de textos teatrais. Como resultado, além de Wilson, os leitores podem voltar-

se às coletâneas de Pearl Cleage (*"Flying West and Other Plays"*, 1999) e Suzan-Lori Parks (*"The American Play and Other Works"*, 1995) e as peças teatrais cativantes de Anna Deavere Smith. Smith trabalhou primeiramente nas conseqüências de tensões raciais em Brooklyn, Nova Iorque, em 1991, e em contendas similares em Los Angeles, Califórnia, em 1992, para produzir duas obras de teatro documental, misturando jornalismo, história oral e drama, que ela levou a diversos teatros em todos os Estados Unidos. Ela reproduziu três monólogos em dois volumes, *"Fires in the Mirror: Crown Heights, Brooklyn and Other Identities"* (1993) e *"Twilight Los Angeles, 1992: On the Road: A Search for American Character"* (1994).

Alguns jovens dramaturgos, sobre os quais vêm se espalhando comentários favoráveis, ainda não viram suas obras em páginas impressas para audiências massivas. Dentre esses escritores, uma das mais talentosas é Cheryl L. West, no passado assistente social, cuja peça inicial baseada em um paciente com AIDS, *"Before It Hits Home"*, foi seguida por *"Jar the Floor"*, uma obra vivaz, hilariante e ainda assim comovente sobre quatro gerações de mulheres afro-americanas que se reúnem para o 90º aniversário da mais velha delas. West encontra-se decididamente na tradição de Lorraine Hansberry e August Wilson ao abraçar a família e a contemporaneidade da sua arte.

Nenhuma discussão sobre a literatura negra norte-americana pode ignorar a literatura do fórum público; tanto as conquistas dos escritores negros de não-ficção como a ascensão dos intelectuais públicos negros e os livros que acompanharam essa ascensão. O setor acadêmico desempenhou papel neste tema, já que muitos intelectuais e escritores ocuparam posições acadêmicas e ainda se encontram no primeiro plano do desenvolvimento de cursos de estudos afro-americanos. Ainda assim, esses indivíduos não seriam pessoas públicas sem as novas tribunas agora disponíveis na nossa geração, no jornalismo impresso, meios eletrônicos e outros. O conhecimento de jazz e os comentários sociais de Stanley Crouch (*"Always in Pursuit"*, 1999), as complexidades do feminismo e do amor nos escritos de Bell Hooks (*"All About Love"*, 2000), as histórias familiares pessoais como a herança mista do jornalista James McBride (*"The Color of Water"*,

1996) e a erudição de Henry Louis Gates Jr. sobre diversos componentes da história e da experiência afro-americana ("*Colored People: A Memoir*", 1994; "*Ten Ways of Looking at a Black Man*", 1998), todos são componentes da literatura negra americana que hoje floresce.

Ao determinar como a literatura negra norte-americana recebeu a importância que ostenta hoje, deve-se notar que ela é proeminente e universal por ter vida própria fora do setor acadêmico. Toni Morrison claramente não é dependente de uma audiência acadêmica. August Wilson não necessita mais de um ambiente escolar dramático para a montagem inicial das suas peças. A abundância de escritores (incluindo Barbara Neely, Walter Mosley e Terry McMillan) é altamente popular enquanto permanece de fora do "cânone" da literatura negra norte-americana. Um fator é a proliferação de clubes literários nos Estados Unidos na última década; o recrutamento é tão difundido nas comunidades afro-americanas como em qualquer outro lugar e os afro-americanos tendem a ler as obras dos seus companheiros afro-americanos. Para terem certeza, muitos clubes literários estão buscando livros que possam ser considerados inspiradores ou modificadores da vida, ao invés de obras para os programas dos cursos universitários.

Graças a um clube literário específico, mantido pela atriz e artista de televisão Oprah Winfrey, livros de estréia dos romancistas afro-americanos Breena Clarke e Cleage receberam publicidade sem precedentes. Em "*River, Cross My Heart*" (1999), uma história centralizada na política e no poder das comunidades eclesiais, Clark, um jovem nativo de Washington D. C., descreve a dinâmica da sua cidade natal durante os anos 1920, nas dores da segregação. "*What Looks Like Crazy on an Ordinary Day*" (1998), do dramaturgo Cleage, é uma visão não convencional e inesperadamente humorística de algumas das crises e tragédias da vida humana, salpicada com as fantasias inerentemente pungentes do autor. O mesmo é verdade para "*Breath, Eyes, Memory*", uma história sobre o impacto do trânsito de uma família do Haiti para os Estados Unidos. Este primeiro romance de Edwidge Danticat (escritor haitiano-americano que, no espaço de menos de meia década, tornou-se conhecido por amplo círculo de leitores como retratista luminoso da história

recente do seu país nativo) também foi uma seleção do Clube Literário de Oprah. Este, entretanto, destina-se a ter segunda vida entre os estudantes, devido ao seu valor crítico e artístico.

De fato, de forma tentativa, os escritos de Danticat evidenciam que, embora a literatura negra norte-americana possua agora vida forte além da acadêmica, ela também possui lugar em contínua evolução dentro dela. Aqui, pense menos sobre os cursos existentes, alguns desde os anos 1960, mas sim sobre a convicção certa de que a literatura negra norte-americana é vital como campo de estudo para qualquer pessoa que busque conhecer a literatura dos Estados Unidos. O número de estudantes de graduação que inclui a literatura negra norte-americana entre seus campos de exame oral está em ascensão; da mesma forma, estão também os números de dissertações que abordam escritores negros norte-americanos, particularmente quando combinados, de maneira intrigante, com escritores que representem vários agrupamentos. E a lista de universidades de outros países que estão concedendo graus mais altos para o estudo da literatura negra norte-americana também está em ascensão.

E sobre o futuro? Duas questões aparecem rapidamente. Primeiro, a literatura negra norte-americana continuará a ser feita para a maioria? De que forma as obras promissoras continuarão a ser tema de discussão no mercado? Segundo, a que grau de "nacionalidade" a literatura negra norte-americana permanecerá em um mundo que tem abordagem cada vez mais global e perspectiva cada vez mais transnacional? Em parte, isso irá depender de como, ou se, a definição de escritor negro norte-americano irá evoluir. O escritor será um habitante das Américas como um todo, do mundo em volta do Atlântico, ou apenas dos Estados Unidos? A questão pode haver estado conosco por algum tempo, mas esta pode ser uma ocasião propícia para redefinir e renovar o debate. ■

*Robert B. Stepto é professor de estudos afro-americanos, estudos americanos e inglês da Universidade de Yale. Ele é o autor de *Blue as the Lake: a Personal Geography* (1998, Beacon Press) e *From Behind the Veil: a Study of Afro-American Narrative* (1991, Imprensa da Universidade de Illinois).*

A LITERATURA HISPANO-AMERICANA: DIVERGÊNCIA E CONCORDÂNCIA

VIRGIL SUAREZ



Em um trabalho autobiográfico escrito em 1986, o respeitado romancista chicano americano Rudolfo Anaya observou que "se devo ser um escritor, são as vozes ancestrais do ...[meu]... povo que formarão parte da minha busca, da minha pesquisa".

As vozes ancestrais representam grande parte da literatura hispano-americana atual, uma tradição que remonta a mais de três séculos que testemunharam um dramático renascimento na última geração. À medida que a experiência hispânica nos Estados Unidos continua a confrontar-se com questões de identidade, assimilação, herança cultural e expressão artística, as obras dos escritores hispano-americanos são lidas com alto grau de interesse e entusiasmo.

De certa forma, a literatura funciona como espelho, como reflexão da forma como os hispano-americanos são vistos pela cultura geral, mas nem sempre pela maioria. Os leitores e os críticos tendem a celebrar esta literatura. Ela é rica, diversa, em constante crescimento, mesclando a história que a inspira com um sentimento fervoroso de contemporaneidade.

Na sua essência, a explosão da literatura atual está sendo moldada em inglês, pelas pessoas que vivem e trabalham nos Estados Unidos, e não em espanhol, como foi o caso dos escritores de gerações e séculos atrás. Esta é uma diferença chave e um ponto de partida.

É verdade que ainda existem algumas questões e problemas muito reais enfrentados pelos escritores hispano-americanos em termos de encontrar divulgação e cenários para suas obras, como os existentes para outros artistas multiculturais e, para ser justo, os escritores de forma geral. Embora mais obras sejam publicadas todos os anos pelas principais editoras, a maior parte da literatura interessante e atraente vem de editoras pequenas e independentes que dependem de doações universitárias, privadas e do governo norte-americano para sua estabilidade. As publicações e críticas literárias sempre representaram divulgação para as vozes hispano-americanas e algumas das melhores obras originam-se dessas fontes. Cada vez mais, entretanto, com o reconhecimento associado aos prêmios literários mais prestigiados da nação (o Prêmio da Fundação Pré-Colombiana, o Prêmio Nacional do Livro e o Prêmio Pulitzer), os escritores hispano-americanos estão sendo cortejados pelos estabelecimentos editoriais.

Grande parte da atenção dos tempos recentes, justificadamente, deve-se ao trabalho pioneiro do movimento de artes chicano do final dos anos 1960 e início da década de 1970 e o surgimento de poetas hispano-americanos como Rodolfo Gonzales, Luís Alberto Urista ("Alurista") e de outros escritores que registraram a história sócio-política do movimento. A campanha foi impulsionada por ativistas de origem como César Chávez e Dolores Huerta, que

desempenharam papéis importantes na unificação dos trabalhos dos imigrantes conseguida através de "huelgas" (greves e boicotes). Como aconteceu invariavelmente ao longo da história, as questões políticas paralelas nesse ou naquele país, o empenho dos trabalhadores imigrantes e sua luta por reconhecimento foram diretamente refletidos nas artes. Um exemplo fundamental foi a obra de Luís Valdez e o Teatro Campesino, seu grupo teatral, que desempenhou papel central na criação de solidariedade e nova consciência social. Durante as greves, o Teatro Campesino apresentou-se na carroceria de caminhões planos, empregando trabalhadores imigrantes em greve como atores; era o teatro para o povo e pelo povo. Uma das suas peças, "Zoot Suit", incluía desde apresentações rudimentares até oficinas culturais e produções vitoriosas em Los Angeles e em Nova Iorque, transformando-se, em dado momento, em filme.

Ao referir-se à literatura hispano-americana, as definições são importantes. Neste contexto, estamos discutindo a literatura escrita em inglês e que se atém principalmente à vida nos Estados Unidos. Um antigo clássico deste tipo é exemplificado pela publicação em 1959 de "Pocho", de José Antonio Villareal, um romance sobre um jovem cujos pais migraram do México para os Estados Unidos, na América da era da depressão, para melhorar suas vidas.

A literatura hispano-americana inclui, no seu escopo, escritos de diferentes países e culturas. Villareal representa um dos principais grupos hispânicos a contribuírem: os mexicano-americanos. Aqui vale uma palavra de definição. Os mexicano-americanos distinguem-se dos chicanos porque os primeiros sentem mais identidade nacional com o México; os chicanos, por outro lado, são mais culturalmente ligados com os Estados Unidos e, particularmente, com os nativos americanos. Em grande parte, sua tradição literária deve-se aos "corridos", as baladas populares de meados do século XIX que relatavam façanhas heróicas. Esses "corridos" também foram os precursores da poesia chicana do século XX, estabelecendo as bases de uma poesia que mistura o oral e o escrito, a música e a palavra. No "corrido", começamos a ver a mescla do espanhol com o inglês, criando assim uma nova linguagem para expressão de uma nova realidade.

Atualmente, os escritores chicano-americanos impressionaram com obras clássicas como "*Bless Me, Ultima*" (1972), de Rudolfo Anaya, "*The House on Mango Street*" (1985), de Sandra Cisneros, "*The Last of the Menu Girls*" (1986), de Denise Chavez, "*And the Earth Did Not Devour Him*" (1987), de Tomas Rivera, e a poesia de Jimmy Santiago Baca, Loma Dee Cervantes e Leroy V. Quintana. Eles representam a batida do coração da comunidade chicano-americana; o registro vivo e verdadeiro desse povo nos Estados Unidos.

Os portorriquenhos são o segundo grupo de maior contribuição ao cânone da literatura hispano-americano, com obras como "*The Line of the Sun*" (1989), de Judith Ortiz Cofer, "*Down These Mean Streets*" (1967), de Piri Thomas, "*Casualty Report*" (1991), de Ed Veja, e a poesia de Victor Hernandez Cruz, Miguel Algarin e Sandra Maria Estevez. Elas refletem os ritmos da sua ilha que foram transportados para Nova Iorque, San Francisco e outros centros urbanos norte-americanos.

O próximo grupo mais importante a ser representado são os cubano-americanos, contribuindo recentemente com as prateleiras das livrarias e currículos de faculdades, com trabalhos como "*Raining Backwards*" (1988), de Roberto G. Fernandez, "*The Greatest Performance*" (1991), de Elias Miguel Muñoz, "*Dreaming in Cuban*" (1992), de Cristina Garcia, "*The Mambo Kings Play Songs of Love*" (1989), de Oscar Hijuelos, e a poesia de Gustavo Perez Firmat, Ricardo Pau-Llosa e Carolina Hospital. Sua motivação literária, em sua maioria, está enraizada na realidade do exílio.

Os estudantes da literatura hispano-americana e leitores casuais podem obter visões novas da diversidade dessa literatura através de diversas antologias. Essas coletâneas reúnem tanto as vozes estabelecidas como as emergentes dentre os principais grupos hispano-americanos dos Estados Unidos, bem como novas vozes emergindo das comunidades dominicanas, colombianas e guatemaltecas, atualmente representadas pela obra de Julia Alvarez, autora de "*How the Garcia Girls Lost their Accents*" (1991) e outros romances, e livros como "*Twilight at the Equator*" (1997), de Jaime Manrique, "*The Long Night of the White Chickens*" (1992), de Francisco Goldman, e "*Drown*" (1996), de Junot Diaz. Cada um desses escritores está

trazendo consigo um pedaço da terra natal que muitas vezes não é familiar para o leitor comum.

Com essa diversidade impressionante de vozes, vem uma advertência. Os professores, editores e leitores necessitam, mais do que nunca, ser sensíveis às questões de parcialidade entre as linhas nacionais, o que é simplesmente natural, já que o agrupamento dessas culturas distintas e separadas sob uma denominação, hispano-americanas, pode parecer forçada. Pode-se ainda argumentar que a reunião de todas essas culturas sob uma denominação pode ser comparável à tensão de compartilhar uma refeição com parentes distantes; existe uma história e experiência separada, ainda que haja uma ligação de reconhecimento e camaradagem familiar.

O ponto central de unidade entre os escritores hispano-americanos é o idioma. Embora eles possam falar com diferentes sotaques e utilizar diferentes expressões, todos eles compartilham a experiência bilingüe. A capacidade de comunicar-se em dois idiomas e, mais importante, de pensar e sentir em dois idiomas, às vezes traz com ela o fenômeno da incapacidade de expressar-se por completo em apenas um. Os lingüistas chamam-na de "interferência" e geralmente a consideram um fator negativo ou limitador. Ainda assim, os escritores hispano-americanos e os leitores da literatura hispano-americana consideram que a mescla dos dois idiomas é um meio eficaz de comunicar o que não poderia ser expresso de outra forma. Assim, muitos escritores hispano-americanos utilizam espanhol nas suas obras por ser parte integrante da sua experiência.

De fato, muitos escritores hispano-americanos acreditam que, nas vidas dos seus personagens, o espanhol não é um idioma "estrangeiro", mas sim parte vital da fala diária e, como tal, não deve ser destacado com o uso de itálicos. Desta forma, eles enfatizam a importância do espanhol. Assim, muitos dos escritores se expressam em inglês (o idioma da maioria, independentemente do que isso possa significar), mas resistem à destruição da sua cultura e assim preservam sua identidade, utilizando expressões, pontos de referência e experiências hispano-americanas. Espera-se que isso será aceito não como "exótico", mas sim como parte da maioria redefinida na arte. Novamente, esta é uma clara distinção entre a literatura hispano-americana e a

literatura latino-americana, que existe somente em espanhol e é traduzida para os Estados Unidos, escrita por escritores que não vivem, nem trabalham neste país.

Um segundo aspecto compartilhado por todas as culturas hispano-americanas é a necessidade de sobrevivência cultural. Esta é uma questão controversa entre os hispano-americanos, especialmente os escritores de literatura, já que ela lida com a questão da assimilação. Quanto da sua cultura deverão os hispano-americanos estar dispostos a perder ou suprimir para participarem da sociedade majoritária? As respostas a esta questão importante variam, embora seja uma questão abordada por todos os escritores hispano-americanos, seja diretamente ou de formas mais discretas. Existem mundos de diferença, por exemplo, entre um romance como *"Bless Me, Ultima"*, de Rudolfo Anaya, e *"The House on Mango Street"*, de Sandra Cisneros. *"Bless Me, Ultima"* possui como ponto central a ligação eterna com a terra e a natureza e uma aura que reflete uma herança espiritual tradicional. O ciclo histórico de Cisneros é mais urbano e pragmático, contemporâneo e assimilado em sua posição no gênero. Mas existe a beleza de tantas vozes que enriquecem o cânone.

As diferenças, que podem ser significativas, às vezes podem não ser tão óbvias para um público leitor geral nos Estados Unidos e em outros locais. Tocamos a tradição rural dos camponeses ou "campesinos", os fortes laços com a terra, com que os escritos dos mexicano-americanos são entrelaçados. Os portorriquenhos, dominicanos e cubano-americanos, por serem ilhéus, possuem fortes laços com a água, o que se reflete nos escritos dos poetas dessas heranças, como Firmat e Cofer. A vida urbana nos Estados Unidos fez gerar uma nova tradição na literatura hispano-americana, o interior das cidades. Enquanto para os mexicano-americanos, o "barrio" provável está na Califórnia, no sudoeste dos Estados Unidos ou em Chicago, para os portorriquenhos o "barrio" é Nova Iorque, o que é principalmente evidente na obra de Thomas e Veja. Os cubano-americanos estão preocupados com os dilemas e frustrações do exílio político. Seus personagens muitas vezes sentem saudades e sensação de perda de uma terra natal a que não

podem retornar. Isto é mais óbvio na literatura nostálgica passada na Cuba idílica do passado, bem como nos especuladores da Cuba do futuro, como nos romances de Roberto G. Fernandez e Cristina Garcia.

Até certo grau, as diferenças de religião se introduzem na literatura, desde o catolicismo singular de vários países latino-americanos até a influência das divindades africanas em Cuba, República Dominicana e Porto Rico. A romancista chicano-americana Ana Castillo, em "So Far From God" (1993), apresenta uma perspectiva católica que não perde de vista o sistema de crença dos índios nativos. Através da mesma ferramenta, os poetas cubano-americanos Adrian Castro e Sandra Castillo discutem as divindades em sua poesia.

Como vimos, a experiência hispano-americana possui muitos pontos de divergência da maioria, e conseqüentemente a literatura. Entretanto, existem experiências comuns

que todos nós compartilhamos como seres humanos, experiências que transcendem culturas e encontram expressões na arte, tornando-a eterna e universal. A chegada da idade, os relacionamentos familiares tradicionais, a assimilação e a busca do sonho americano estão entre os temas repetidamente explorados. Com a perspectiva específica trazida pelos escritores hispano-americanos ao seu trabalho, ele tem uma qualidade exclusiva que hoje, cada vez mais, vem atingindo quantidade apreciável de leitores nos Estados Unidos. ■

Virgil Suarez é um romancista cubano-americano e professor de inglês na Universidade Estadual da Flórida em Tallahassee. Ele é o autor de quatro romances, incluindo Latin Jazz e Going Under e editou Little Havana Blues, uma antologia de literatura hispano-americana. Este artigo é uma adaptação e expansão de um verbete do professor Suarez publicado na Enciclopédia de Literatura Norte-Americana (Continuum Publishing Company, 1999).



PERFIL: OS DOIS MUNDOS DE JULIA ALVAREZ

Em "*Something to Declare*", seu livro de 1998 com ensaios pessoais seguindo-se a três romances e três coleções de versos, a romancista dominicano-americana Julia Alvarez mencionou a observação do seu colega escritor de ficção Robert Stone de que "escrever é a nossa forma de cuidar da família humana".

Ao que ele acrescentou, "é através da literatura que eu me dou a uma família muito maior que o meu próprio sangue".

As sondagens de relacionamento que impulsionaram Alvarez ao primeiro escalão da geração atual de escritores hispano-americanos são muito relacionadas com "la familia" e têm sido uma história intrigante.

Alvarez, filha de pais dominicanos nascida em Nova Iorque em 1950, escreve livros cujas cenas e sensibilidades são muito relacionadas à sua própria história. No seu caso, as ligações com os Estados Unidos foram profundas: seus tios cursaram

universidades de prestígio dos Estados Unidos e seu avô foi adido cultural dominicano nas Nações Unidas. Ela e suas três irmãs cresceram na República Dominicana em ambiente familiar, rodeadas de primos e outros parentes. Mas seu pai envolveu-se em um golpe contra o ditador da ilha, Rafael Trujillo e, com dez anos de idade, sua existência foi violentamente deslocada quando, em seguida à informação de que a prisão era iminente, a família foi instada a deixar rapidamente o país para os Estados Unidos. E assim começou sua vida nômade, que a levou de casa para o internato, dali para a faculdade e de lá para residências de poetas e funções acadêmicas e universitárias em diversos locais. Ela publicou sua primeira coletânea poética, "*Homecomings*", em 1984.

Durante a segunda metade da década, ela começou a escrever contos, 15 dos quais foram reunidos em três seções simétricas para formar um romance, "*How the Garcia Girls Lost their Accents*" (1991), contado em ordem cronológica reversa. Uma análise de uma família dominicana diferente daquela da autora, que necessita ajustar-se à vida norte-americana, delineou o que um crítico denominou "a chegada precoce da idade adulta das

protagonistas como latinas nos Estados Unidos e gringas em São Domingos". Para Donna Rifkind, no *"The New York Times Book Review"*, Alvarez havia "capturado de forma bela a experiência inicial do novo imigrante, em que o passado ainda não é história e o futuro permanece ansiosamente um sonho".

O estado de conflito em que a autora se encontrou entre dois panoramas (seu lado norte-americano e sua herança dominicana) veio à tona inovado em seu segundo romance, *"In the Time of the Butterflies"* (1994), um romance mais duro com muito mais implicações políticas que o primeiro, inspirado em três irmãs que foram mortas em 1960 pelas suas atividades subversivas contra o regime de Trujillo. Alvarez incluiu uma versão pouco oculta própria no enredo como a escritora que, em busca de informações, visita o lar familiar das mulheres (agora um santuário mantido por uma quarta irmã que, por acaso, escapou de ser morta). Inserindo-se como "la gringa norteamericana", segundo o crítico Ilan Stavins em *"The Nation"*, ela novamente uniu o novo e o antigo.

"Yo!" (que significa "Eu!"), que revisita a família Garcia do seu primeiro livro, foi publicado em 1996 e é uma história muito mais violenta, ainda que seguindo o tema central da obra de Alvarez, a dupla existência e as experiências de conflitos. Centralizado em Yolanda, ou Yo, a

terceira irmã, uma romancista publicada que transformou seus parentes em personagens, Alvarez permitiu descaradamente que diversos amigos e membros da família oferecessem seus pontos de vista sobre Yo, desde a infância até a sua nova fama, proporcionando à própria autora a oportunidade de tecer considerações sobre a arte criativa e o artista.

Alvarez, que está na faculdade de inglês de Middlebury, em Vermont, desde 1988, sempre permitiu que os leitores entrassem no seu coração e na sua mente, mas nunca a tal ponto como na sua mais recente coletânea de não-ficção. Ela descreve as circunstâncias da sua emigração e as tensões que a rodearam, a vida familiar nos Estados Unidos e o seu amadurecimento, o florescimento da sua carreira literária, os prazeres do ensino e a arte da literatura criativa.

Como escritora habitante de duas culturas, e ciente de que o centro das atenções agora, mais do que nunca, é a literatura multicultural, ela explica, em nome dos seus companheiros escritores hispânicos e, justificadamente, de escritores de muitas origens, que "desejamos que nossas obras façam parte do grande corpo de tudo o que se pensou, sentiu e escreveu por escritores de diferentes culturas, idiomas, experiências, classes e raças".

-- M.J.B.



OUTROS ESCRITORES HISPANO-AMERICANOS

RUDOLFO ANAYA, natural do Novo México, onde nasceu em 1937, é considerado um dos primeiros escritores chicano-americanos. Ele é mais conhecido por uma trilogia de romances publicados durante a década de 1970: *"Bless Me, Ultima"* (1972), que recebeu o prestigioso prêmio nacional de literatura chicana Prêmio Quinto Sol; *"Heart of Aztlan"* (1976); e *"Tortuga"* (1979). Todas as três obras abordam o crescimento como hispano-americano na sociedade norte-americana. Diversas das obras de Anaya são sobre a fé e a perda da fé. Sua literatura é rica em

simbolismos, poesia e espiritualismo, à medida que ele explora o mistério da vida e sua herança cultural. Seus romances incluem "The Legend of La Llorona" (1984); "Lord of the Dawn" (1987); e "Albuquerque" (1992), pelo qual ele recebeu o Prêmio de Ficção PEN-West; "Zia Sammer e Jalamanta" (1995); e "Rio Grande Fall" (1996). Sua obra mais recente é "My Land Sings: Stories from the Rio Grande" (1999). Além dos seus romances e contos, Anaya escreveu peças teatrais, poemas, livros infantis e obras de não-ficção. Ele atualmente é professor de inglês na Universidade do Novo México.

ANA (HERNANDEZ DEL) CASTILLO, respeitada poetisa, romancista e ensaísta chicana, foi denominada uma das vozes mais originais da literatura feminista norte-americana chicana e

contemporânea. Sua obra examina freqüentemente como o sexo e a sexualidade interagem com o racismo e os conflitos culturais. Seu primeiro romance, "The Mixquiahuala Letters" (1986), ganhador do Prêmio do Livro Norte-Americano, explora o papel em mutação das mulheres hispânicas nos Estados Unidos e no México durante as décadas de 1970 e 1980. "So Far From God" (1993), seu romance mais popular, dedica-se às vidas e relacionamentos complexos das mulheres latinas. As coletâneas poéticas de Castillo, "Women are not Roses" (1984) e "My Father was a Toltec" (1988), exploram as vidas e os papéis das mulheres latinas na comunidade hispânica. "Massacre of the Dreamers: Essays on Xicanisma" (1994) examina a situação das mulheres de cor nos Estados Unidos. Ao longo dos anos, Castillo ampliou seu trabalho para incluir apresentações musicais.

A escritora mexicano-americana de ficção **SANDRA CISNEROS** deu início a uma controvérsia cultural em 1997, ao pintar sua casa histórica em San Antonio, no Texas, de púrpura, violando o código de preservação histórica da cidade, ao reivindicar que a cor brilhante era parte importante da sua herança mexicana. O incidente reflete sua obra mais conhecida e ganhadora do Prêmio Nacional do Livro, "The House on Mango Street" (1984), em que ela escreve: "um dia terei minha própria casa, mas não esquecerei quem sou nem de onde vim". Cisneros, nascida em Chicago em 1954, expõe amplamente suas experiências da infância e sua herança étnica na sua literatura, abordando a pobreza, a supressão cultural, a auto-identidade e os papéis sexuais na sua ficção e poesia. Embora ela seja conhecida principalmente por "Mango Street" e "Woman Hollering Creek and Other Stories" (1991), sua poesia, que inclui "Bad Boys" (1980), "My Wicked, Wicked Ways" (1987) e "Loose Woman" (1994) também recebeu considerável atenção.

CRISTINA GARCIA nasceu em Havana (Cuba) em 1958 e fugiu do regime de Castro para Nova Iorque com sua família quando ela tinha dois anos de idade. Em 1990, ela deixou seu emprego como repórter e correspondente da revista "Time" para explorar as questões da sua herança cubana e sua infância na ficção. Ela escreveu dois livros aclamados pela crítica, abordando o que significa ser cubano-americano. O primeiro, "Dreaming in

Cuban" (1992), aborda três gerações de mulheres cubanas com relações maternas, cada qual vivendo sua vida de forma diferente como resultado da revolução cubana. "The San Francisco Chronicle" chamou-o de "evocativo e viçoso... uma narrativa rica e inesquecível". Seu segundo livro, "The Agüero Sisters" (1997), apresenta dois irmãos de meia idade (um é eletricitista em Havana e o outro, vendedor em Nova Iorque). Este também recebeu críticas entusiasmadas e valeu ao autor novos e cada vez mais devotados leitores. Como disse um crítico, Garcia "abriu um portal para Cuba, por onde os leitores podem entrar em um mundo de história, cultura, amor, saudades e perda".

O romancista premiado **OSCAR HIJUELOS**, nascido em 1951 em Nova Iorque, conclama sua herança cubano-americana ao escrever obras de ficção que lhe valeram a aclamação tanto dos críticos como do público. Seu primeiro romance, "Our House in the Last World" (1983), relata as dificuldades de uma família cubano-americana ajustando-se à vida nos Estados Unidos durante a década de 1940. O romance vencedor do Prêmio Pulitzer, "The Mambo Kings Play Songs of Love" (1989), deslocou-o para o primeiro escalão de romancistas norte-americanos ao retratar dois irmãos que deixam sua Cuba natal e buscam a sorte como cantores em Nova Iorque no início dos anos 1950, no limiar da era da televisão, quando explode a moda da música latina. O romance de Hijuelos de 1993, "The Fourteen Sisters of Emilio Montez O'Brien", toma um novo curso, abordando as mulheres de uma família cubano-irlandesa que vive na Pensilvânia. A herança cultural do autor foi apenas um tema de menor importância em "Mr. Ives' Christmas" (1995), um conto suave de uma criança abandonada, que foi bem recebido pelo "Philadelphia Inquirer" como "um romance de afirmação da vida, digno sucessor de Dickens". Entretanto, seu romance mais recente, "Empress of the Splendid Season" (1999), retorna às raízes ao contar a história de um humilde cubano-americano desde a década de 1940 até o presente. Hijuelos é mais conhecido pelos notáveis contrastes desenhados entre a vida cubana e a norte-americana, por suas ricas descrições da vida diária em Cuba e por sua capacidade de incorporar elementos de realismo mágico em seus romances. — Suzanne Dawkins.



A LITERATURA NATIVA NORTE-AMERICANA: RECORDAÇÕES E RENOVAÇÃO

GEARY HOBSON



Em 1969, o comitê de ficção do prestigioso Prêmio Pulitzer de Literatura concedeu a sua distinção anual a N. Scott Momaday, jovem professor de inglês da Universidade Stanford na Califórnia, pelo seu livro intitulado *"House Made of Dawn"*.

O fato de que o romance de Momaday lidou quase que exclusivamente com nativos americanos não escapou à atenção dos meios de comunicação ou dos leitores e estudiosos da literatura contemporânea, nem os antecedentes indígenas kiowa do autor. Conforme ressaltaram os artigos dos jornais, desde que Oliver LaFarge recebeu o mesmo prêmio por *"Laughing Boy"*, exatamente 40 anos antes, um romance dos chamados "índigenas" não recebia tal distinção. No entanto, enquanto LaFarge era um homem branco escrevendo sobre os índios, Momaday era um índio; o primeiro nativo americano laureado com o Pulitzer.

Naquele mesmo ano, 1969, outro jovem escritor, um advogado sioux de nome Vine Deloria Jr., publicou *"Custer Died for Your Sins"*, cujo subtítulo era "An Indian Manifesto". Ele examinou de forma incisiva as atitudes norte-americanas da época em

relação aos assuntos nativos americanos, surgindo quase simultaneamente com "American Indian Speaks", uma antologia literária de vários jovens e promissores índios americanos, dentre eles Simon J. Ortiz, James Welch, Phil George, Janet Campbell e Grey Coho, todos os quais haviam sido publicados apenas vagamente até então.

Esses desenvolvimentos que estimularam interesse novo ou renovado pela literatura nativa americana contemporânea foram acompanhados pelo surgimento naquela época de duas obras de conhecimento geral sobre o assunto, *"Rise to Civilization"* (1968), de Peter Farb, e *"Bury My Heart at Wounded Knee"* (1970) de Dee Brown. Cada qual atingiu uma corrente receptiva no gosto popular norte-americano e as estatísticas demonstram que, ainda hoje, cerca de 30 anos depois, sua popularidade permanece.

Serenamente, surgiram outros livros e outros autores. *"Ceremony"*, de Leslie Marmon, *"A Winter in the Blood"*, de Welch, as ficções pós-modernas de Gerald Vizenor e a poesia de Paula Gunn Allen, Simon J. Ortiz e Linda Hogan deram lugar, ao longo dos anos, a escritores mais novos, como os romancistas Sherman Alexie, Greg Sarris e Thomas

King e os poetas Kimberly Blaeser, Janice Gould e Janet McAdams.

Em 1992, um grupo de acadêmicos e ativistas norte-americanos criou um festival internacional de escritores, que reúne 360 artistas de nove países, principalmente dos Estados Unidos. Cerca de metade desse número já publicou pelo menos um livro: ficção, drama, autobiografia ou até livros de culinária. A partir dessa convocação, surgiram duas organizações: o Círculo de Escritores Nativos das Américas e um grupo mentor, Wordcraft Circle, que reúne os escritores nativos americanos estabelecidos com talentosos aprendizes.

A cada ano desde 1992, o Círculo dos Escritores Nativos apresentou prêmios para "primeiros livros" de poesia e de ficção. Para aqueles que imaginam qual será o futuro da literatura nativa americana, esses livros premiados oferecem resposta ampla e positiva. Observe-se, por exemplo, um jovem artista como o poeta chippewa Blaeser, cuja evocativa coletânea inicial de versos, *"Trailing You"* (1995), seguiu-se por uma obra apreciada de conhecimento, um estudo da prosa complexa e até surpreendente do colega escritor nativo americano, o satírico pós-modernista Gerald Vizenor.

De fato, a expansão da criatividade e do interesse na literatura nativa americana é muito mais que uma explosão. Ela representa, coletivamente, um renascimento. Mais de uma geração após o seu início, ela é uma parte da literatura norte-americana como renovação, ou continuação. Ela traz reminiscências.

Pode-se melhor ilustrar o fenômeno do renascimento através da experiência de uma sala de aula voltando muitos anos no tempo. Meus alunos leram cópias de poemas de índios mohawk da parte setentrional do Estado de Nova Iorque e o tema voltou-se para os diversos escritores nativos americanos em outras partes do país. Um estudante, provavelmente refletindo o pensamento de diversos na sala, espantou-se: "não é maravilhoso como a literatura nativa americana emergiu tão repentinamente no cenário?"

A questão soou atordoante na época e assim permanece na minha memória. Porque a literatura nativa americana não "emergiu" simplesmente. Como a vida e a cultura da qual é parte, ela tem séculos de idade. Suas raízes são profundas na nossa terra; profundas demais para que meros cinco séculos de influência de outras civilizações modifiquem-na de forma duradoura, completa e irrevogável.

Reminiscências, continuidade, renovação. Os nativos americanos se acostumaram a contar suas histórias e suas formas de vida através de processos intrincados de contar histórias comprovados pelo tempo. Somente nas últimas décadas, os acadêmicos identificaram essas formas de contar histórias como "tradição oral". Por milênios, os nativos americanos carregaram suas tradições desta forma. Para nada mais que uma geração antes da extinção, como escreveu Momaday, há sempre mais a ser lembrado pelas pessoas devido a essa ligação tênue. Ao lembrar, tem havido força, continuidade e renovação ao longo das gerações.

Nas palavras do poeta do povo acoma Simon J. Ortiz, "os índios estão em toda parte". Desde o Refúgio Savala de Sonora, no México, até a Montanha Mary Tall, da tribo koyukon do Alasca; do país navajo de Geraldine Keams e Larry Emerson até o nordeste do Maine de Joseph Bruchac, os nativos americanos estão escrevendo sobre si próprios e sobre seu povo. Seus escritos são baseados em terra firme, nutridos por raízes fortes e têm flores crescentes invencíveis.

É interessante notar que, mesmo na forma escrita, em inglês, a literatura nativa americana é bastante venerável na estrutura da própria literatura norte-americana, remontando ao início do século XIX, quando os primeiros escritores (dentre eles, William Apess, da tribo pequod, George Copway (ojibway) e o chefe Elias Johnson (tuscarora) publicaram livros relacionados às suas culturas tribais. Há também evidências de que muitas tribos possuíam variantes de linguagem escrita muito antes de Sequoyah alfabetizar a nação cherokee virtualmente do dia para a noite. Ainda que os livros dos índios delaware e da Confederação iroquois fossem repassados oralmente por muitas gerações, no início eles foram reproduzidos em diversas formas escritas. Ironicamente, mesmo quando escritores norte-

americanos como James Fenimore Cooper e Henry Wadsworth Longfellow apresentaram o índio americano a partir das suas perspectivas, os nativos americanos estavam escrevendo seus próprios livros e, nesse processo, desenvolvendo literatura.

Se, no começo, a literatura nativa americana consistia em contar histórias (ou, como definiríamos, ficção), uma ampla mudança teve lugar na segunda metade do século XIX, principalmente com o desenvolvimento do sistema de reservas indígenas nos anos 1870 e 1880. A biografia e a auto-biografia tornaram-se a forma mais popular e permaneceram dominantes até o século XX.

Essas biografias eram muitas vezes escritas por outros; antropólogos ou poetas registravam e editavam as histórias de vida de nativos americanos que eram encontrados nas estradas dos séculos XIX e XX. Talvez o mais famoso deles seja *"Black Elk Speaks"* (1932), de John G. Neihardt. De acordo com Neihardt, Alce Negro contou a história ao seu filho no idioma oglala lakota. O filho então a traduziu para inglês para Neihardt, que então a reescreveu. Era uma prática comum, com muitos exemplos em meados do século passado, presentes entre tribos desde crows e cheyenne no extremo norte dos Estados Unidos até os apaches e navajos no sudoeste.

Naturalmente, nem todos os relatos pessoais eram "contados" a outra pessoa. Apareceram alguns escritores individuais, dentre eles Charles A. Eastman, um médico santee sioux treinado em universidade que escreveu livros como *"Indian Boyhood"* (1902) e *"The Soul of the Indian"* (1911), e o Chefe Luther Urso em Pé, autor de *"My People The Sioux"* (1928) e *"Land of the Spotted Eagle"* (1933). O livro de Momaday *"The Names"*, de 1975, foi parte dessa tradição.

À medida que decorria o século XX, a literatura nativa americana ampliou-se para além da biografia e relatos para a ficção, jornalismo e até dramaturgia. D'Arcy McNickle foi o melhor escritor de ficção do período da década de 1930 a 1970, com livros como *"The Surrounded"* (1936) e *"Runner in the Sun"* (1954). Ele foi também extremamente ativo como

proponente de assuntos indígenas. Will Rogers, o popular colunista de jornais norte-americanos que se tornou humorista, cujo período áureo foram os anos 1920 e 1930, foi um índio cherokee, bem como o dramaturgo Lynn Riggs, cujo drama mais famoso, *"Green Grow the Lilacs"* (1931), foi transformado no clássico musical da Broadway dos anos 1940, *"Oklahoma!"*

Nas primeiras décadas da segunda metade do século, principalmente a partir dos anos 1960, o desenvolvimento da literatura nativa americana deveu-se a diversos periódicos, que incluem publicações mais estabelecidas, como o *"South Dakota Review"* e *"Cimarron Review"*, e diversas publicações, revistas e editoras menores, dentre elas *"Sun Tracks"*, *"Blue Cloud Quarterly"* e *"Strawberry Press"*. Os poemas de Hogan, Joy Harjo, William Oandasan e muitos outros apareceram primeiramente nessas e em outras publicações.

Muitos escritores e acadêmicos nativos americanos fizeram suas primeiras aparições escrevendo sobre temas não-indígenas. A primeira empreitada de Momaday foi uma coletânea das obras de Frederick Goddard Tuckerman, um poeta menos conhecido do círculo de Emerson na Massachusetts de meados do século XIX. Louis Owens, que reconsiderou e afirmou extensamente sua herança choctaw/cherokee em seus últimos escritos, começou com estudos sobre as obras de John Steinbeck. (Como parêntese, eu comecei minha carreira na educação, poesia e literatura como especialista em Emerson, Henry David Thoreau e Herman Melville.)

Quem são os escritores nativos americanos? Esta questão preocupou-me por anos, mesmo antes de compilar minha antologia de 1979, *"The Remembered Earth"*. Para aquele livro, decidi manter o mais amplo espectro de definição possível. Incluí, por exemplo, Dana Naone, uma jovem e talentosa escritora havaiana nativa, pois nós, nativos americanos do continente, estamos nos tornando cada vez mais conscientes de que, embora os havaianos não sejam índios americanos propriamente falando, eles são, entretanto, nativos americanos em sentido real. De forma não surpreendente, os versos de Naone continuam temas e preocupações similares aos de Allen e Silko.

Os antropólogos e historiadores postularam que a inclusão como nativos americanos depende de três

critérios essenciais: genéticos, culturais e sociais. A distinção genética é "sangue total", "meio sangue", "um quarto" e assim por diante. Culturalmente, uma pessoa é caracterizada em termos do local de onde ele ou ela é proveniente e suas formas distintas de vida, religião e idioma. Socialmente, alguém é considerado nativo americano devido à forma com que ele ou ela vê o mundo, terra, lar, família e outros aspectos da vida.

Mas, à medida que os anos passam, a identidade torna-se fator menos motivador entre os temas literários que a soberania e, como parte dela, a reivindicação do passado. Os nativos americanos estão preocupados sobre quem são eles enquanto povo e escrevem de perspectiva comunitária (seja o ambiente urbano ou rural) e esse senso de comunidade reafirma e ampara a soberania.

Os romancistas Louise Erdrich e Sherman Alexie e poetas como Linda Hogan e Ray Urso Jovem são exemplos de escritores que, na verdade, estão fazendo o que Charles Dickens fez em Londres há mais de um século. Ou seja, eles estão criando um senso local. A literatura emerge invariavelmente disso e, embora os melhores escritores lutem para serem universais, é o senso local com que estão profundamente imbuídos. Erdrich, poetisa e escritora de ficção, é mais conhecida pela sua tetralogia nativa americana: *"Love Medicine"* (1984), *"The Beet Queen"* (1986), *"Tracks"* (1988) e *"The Bingo Palace"* (1994). Ela recentemente trouxe à tona suas raízes ojibwa em *"The Antelope Wife"* (1999), um retrato de duas famílias nativas americanas urbanas contemporâneas em comparação com um mosaico de cem anos de história. Os versos da poetisa chickasaw Linda Hogan (ligados ao sul e centro de Oklahoma) concentraram-se na paisagem e na história. Mais recentemente, entretanto, à medida que cresceu e se desenvolveu, ela vem lidando com questões como preservação animal e feminismo.

Alexie, uma das melhores jovens escritoras a misturar realismo e humor sarcástico com forte lirismo ao escrever ficção, poesia e dramaturgia, é mais conhecida por *"Indian Killer"* (1996), um romance trágico sobre a busca de um assassino em série em ambiente urbano contemporâneo. Greg Sarris, um escritor californiano nativo de raízes miwok e pomo, atingiu ampla quantidade de leitores com seu primeiro livro *"Grand Avenue"* (1994), uma

coletânea de contos passados na sua vizinhança multicultural nativa na urbana Santa Rosa, na Califórnia, povoada por gerações de índios pomo, bem como portugueses, mexicanos e afro-americanos. Seu primeiro romance, *"Watermelon Nights"* (1998), é uma visão urgente da tradição, crise e renovação em uma família nativa americana. Nos últimos tempos, ele moveu-se também para a dramaturgia.

Em análise final, entretanto, a preocupação mais importante não é se alguém é mais ou menos índio que o seu companheiro índio americano. É muito mais importante que ambos reconheçam sua herança comum e lutem juntos pela melhoria dos nativos americanos no seu todo. Ao final, a literatura que deixamos para a posteridade estará disponível para as pessoas que vieram depois de nós. E, ainda assim, é dever do escritor individual comentar sobre coisas que ele ou ela acredita serem importantes, independentemente do tema da literatura lidar ou não exclusivamente com preocupações nativas americanas. Se não tivéssemos os escritos de Momaday sobre a Rússia, os curtos poemas de Aaron Carr sobre o espaço exterior ou os contos de ficção científica e roteiros de televisão de Russel Bates, a literatura nativa americana seria mais pobre pela sua ausência.

(À medida que os índios escrevem sobre temas diferentes da sua comunidade, diversos escritores não-nativos, antes e depois de "Laughing Boy", de Oliver LaFarge, investigaram a vida nativa americana, alguns com muito sucesso. Mais de meio século atrás, Frank Waters elaborou o que pode ser seu melhor romance, *"The Man Who Killed the Deer"* (1942), um estudo dos conflitos culturais entre os índios taos do norte do Novo México. Atualmente, ao escrever sua série de romances "best-sellers" centralizados na polícia tribal navajo, Tony Hillerman esforçou-se para aprender a cultura e tradições para criar suas histórias.)

Por fim, os escritores nativos americanos são aqueles de sangue e antecedentes nativos americanos que afirmam sua herança de formas individuais, da mesma forma que os escritores de qualquer cultura. Alguns escrevem sobre a vida reservada, outros descrevem ambientes urbanos. Alguns investigam a história, outros são ferozmente contemporâneos. Joseph Bruchac, que teve enorme

influência sobre uma geração de escritores mais jovens como mentor e capacitador, é conhecido hoje como escritor de histórias infantis, tais como *"Between Earth and Sky"* (1996) e *"The Arrow Over the Door"* (1998), que apresentam lendas tribais em contexto moderno para novas audiências.

"A literatura é uma faceta de uma cultura", escreve Paula Gunn Allen, e, como tal, oferece algo de valor ao povo do qual é parte.

Herança é povo. Povo é terra. Terra é herança. Ao relembrar esses relacionamentos (com o povo, o passado e a terra), renovamos a força de nossa continuidade como povo. A literatura, em todas as suas formas, é nossa forma mais durável de conduzir essa continuidade. Ao fazer literatura, como os cantores e contadores de

histórias de antigamente, servimos ao povo bem como a nós mesmos em um duradouro senso de recordação.

Nunca devemos esquecer esses relacionamentos. Nossa terra é nossa força e nosso povo é a terra, uma e única, como sempre foi e sempre será.

A memória é tudo. ■

Geary Hobson, poeta e ensaísta de herança cherokee/quapaw, é membro do corpo docente do Departamento de Inglês da Universidade do Oklahoma. Este artigo é uma expansão da introdução do professor Hobson a uma antologia, The Remembered Earth, publicada originalmente por Red Earth Press, Albuquerque, Novo México, 1979, e reimpresso pela Imprensa da Universidade do Novo México em 1981. Ele foi utilizado com permissão do autor.



VOZES

MULTICULTURAS

"Ao invés de ser indicador da falência da civilização ocidental, a literatura multicultural é a afirmação do mais fundamental princípio de uma democracia: dar a todas as pessoas uma voz igual... Cada voz é válida e valiosa. E quanto mais abertos estivermos para ouvir essas vozes diversas, mais ricas e amplas serão as nossas vidas."

Amy Ling, escritora/acadêmica sino-americana (falecida)

"Como escritor, venho tentando considerar de forma mais importante a minha vida como nativo americano que é absolutamente relacionado com a terra e tudo o que isso significa cultural, política e pessoalmente. Nada é separado de mim nesse sentido e estou incluído na terra e seus aspectos e detalhes."

Simon J. Ortiz, poeta nativo americano de herança pueblo acoma

"Como escritor, você pode carregar o mundo dentro de si. Eu carrego um mapa de Kerala no meu coração. Ando pelo Central Park [em Nova Iorque], vejo as árvores e encontro inspiração para uma história ou poema passado em Kerala."

Meena Alexander, poetisa, ensaísta e romancista índia americana

"A literatura é parte da cultura, a cultura é esse local de encontro. Devemos ter atenção para o local de onde vêm as pessoas a fim de respeitar o fato de que elas têm origens, pais e avós, que elas têm música, dança, poesia. Existe grande prazer na diversidade."

D.H. Melhem, poeta libanês americano

"Se você examinar todo o meu trabalho,... essa comunidade, essa corrente que corre por todo ele é esta necessidade de compreender de onde você veio para entender o que você deve ou como pode mover-se do presente para o futuro..."

August Wilson, dramaturgo negro americano

"Mesmo quando sou elogiado, grande parte do tempo o que eles dizem e repetem é: "Oh, é tão americano!", como se isso necessitasse ser dito. Ainda tenho que argumentar, eu falo inglês? Eu nunca poderia ter escrito a história título em "Who's Irish?"... até que houvesse me estabelecido firmemente como escritor em inglês. É um problema contínuo para os asiático-americanos, mas também tenho que dizer que é interessante para mim, porque é ali que a natureza interior se choca contra a sociedade. Somos todos teorias, somos todos convergências entre o que experimentamos e a forma como somos compreendidos."

Gish Jen, romancista sino-americana

"Minha missão, se o desejarem, é a de fazer os norte-americanos entenderem que temos que trabalhar juntos para redefinir a cada segundo o que é a cultura norte-americana e qual é a herança total. Posso ser um escritor tão americano escrevendo o tipo de material que faço como [Don] DeLillo escrevendo seu último romance sobre beisebol. Existem muitos americanos e isso está sensibilizando as pessoas a nos aceitarem como parte do conjunto e não simplesmente como formas indistintas."

Bharati Mukherjee, romancista indiano-americano

"Ao contar uma história utilizando palavras para contá-la, cada palavra sendo dita possui também uma história própria. Muitas vezes os narradores entram na história dessas palavras, criando uma estrutura elaborada de histórias dentro das histórias. Essa estrutura, que se torna muito aparente ao contar-se realmente uma história, forma parte da escrita e das histórias contemporâneas do *pueblo*, bem como das narrativas tradicionais. Esta perspectiva da narrativa (de histórias dentro da história, a idéia de que uma história é somente o começo de muitas histórias e o sentido de que as histórias na verdade nunca terminam) representa uma contribuição importante das culturas nativas americanas à língua inglesa."

Leslie Marmon Silko, escritora laguna pueblo (nativa americana) de ficção e poesia

"O idioma é um combate entre os indivíduos, um combate com a natureza individual. O idioma nos trai. Ele nem sempre faz o que queremos que ele faça. Eu amo essa desordem. É por isso que somos humanos."

Anna Deavere Smith, dramaturga negra americana

"Meus poemas e histórias muitas vezes começam com as vozes dos nossos vizinhos, a maioria deles mexicano-americanos, sempre criativas e surpreendentes. Nunca me canso de misturas."

Naomi Shihab Nye, poeta árabe-americano de origem palestina

"Minhas influências às vezes são a linguagem da cerimônia e da transformação, outras vezes do

conhecimento. Pesquiso meu trabalho e examino como traduzir uma diferente visão de mundo, uma forma diferente de conviver com este mundo. Tento concentrar-me na poesia contemporânea, não somente norte-americana, mas também na tradução e na de outros países."

Linda Hogan, poetisa nativa americana de herança chickasaw

"Para mim, a literatura multicultural é uma fonte de vitalidade para a cultura norte-americana e para a língua inglesa. Sempre houve forças marginais que ampliaram a corrente geral, ao longo da história da literatura norte-americana. Elas desenvolveram, floresceram e enriqueceram a literatura e o idioma. A diversidade é sempre algo de bom. É a fonte da vida e a riqueza e abundância de uma cultura."

Ha Jin, romancista sino-americano, ganhador do Prêmio Nacional do Livro em 1999

"Toda a literatura, e certamente a literatura chicana, reflete, em seus aspectos mais formais, os mitos do povo e os escritos refletem as crenças filosóficas subjacentes que formam a visão de mundo específica de uma cultura... Na verdade, as mitologias das Américas são as únicas mitologias de nós todos, sejamos nós recém-chegados ou aqui residentes há séculos."

Rudolfo Anaya, romancista hispano-americano

"A corrente geral da literatura norte-americana está sendo redefinida. Não é mais uma literatura 'do outro', ou das margens. Ela reflete cada vez mais quem nós somos enquanto norte-americanos. As pessoas que escrevem nessa nova tradição são muito privilegiadas, acredito, por estarem em interessantes fronteiras e cruzamentos de culturas. Elas são parte dela e também levemente fora dela. É uma posição, perspectiva e época única. Além disso, as fronteiras encontram-se onde estiver ocorrendo muita literatura interessante, onde as culturas se encontrem, onde diferentes idiomas lutem para acomodar-se entre si. E o inglês está mudando por este motivo."

Cristina Garcia, romancista cubano-americana

BIBLIOGRAFIA

SELECIONADA E "SITES" NA INTERNET

Informações Gerais

Barkan, Elliott Robert, ed. *A Nation of Peoples (Uma Nação de Povos)*. Boulder, CO: Greenwood Press, 1999.

Brucoli, Matthew U., et al., eds. *Dictionary of Literary Biography* " (Dicionário de Biografias Literária) (Series). Detroit: Gale, 1978 - . Esta conhecida série inclui diversos livros de referência úteis sobre literatura multicultural, tais como "*Afro-American Fiction Writers after 1955*" (Escritores de Ficção Afro-Americanos após 1955) (Vol. 33), "*Afro-American Poets since 1955*" (Poetas Afro-Americanos após 1955) (Vol. 41), "*Chicano Writers*" (Escritores Chicanos) (Vols. 82, 122, 209), "*Native American Writers of the United States*" (Escritores Nativos Americanos dos Estados Unidos) (Vol. 175), "*Twentieth-Century American Western Writers*" (Escritores Ocidentais Norte-Americanos do Século XX) (Vols. 186, 206 e 210).

Dunne, Finley Peter, and Schaaf, Barbara, ed. *Mr Dooley, Wise and Funny --We Need Him Now. (Sr. Dooley, Sábio e Engraçado - Precisamos dele Agora)*. Springfield, IL: Lincoln Herndon, 1988.

Gillan, Maria Mazziotti and Gillan, Jennifer, eds. *Identity Lessons: Contemporary Writing about Learning to Be American (Lições de Identidade: a Literatura Contemporânea sobre como Aprender a Ser Americano)*. New York: Penguin Books, 1999.

Humphries, Jefferson and Lowe, John W., eds. *The Future of Southern Letters (O Futuro das Letras do Sul)*. New York: Oxford University Press, 1996.

Kallet, Marilyn and Clark, Patricia, eds. *Worlds in Our Words: Contemporary American Women Writers (Mundos em nossas Palavras: As Mulheres Escritoras Norte-Americanas Contemporâneas)*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1997.

Knippling, Alpana Sharma, ed. *New Immigrant Literatures in the United States: A Sourcebook to Our Multicultural Literary Heritage (As Literaturas dos Novos Imigrantes nos Estados Unidos: Catálogo da nossa Herança Literária Multicultural)*. Westport, CT: Greenwood Press, 1996.

Lauter, Paul et al., eds. *The Heath Anthology of American Literature (Antologia Heath de Literatura Norte-Americana)*. 2ª ed., 2 Vols. Lexington, MA: Heath, 1994.

Lowe, John W. *Jump at the Sun: Zora Neale Hurston's Cosmic Comedy (Um Salto ao Sol: A Comédia Cósmica de Zora Neale Hurston)*. Champagne: University of Illinois Press, 1994.

Lowe, John W. and Gaines, Ernest J. *Conversations with Ernest Gaines (Conversas com Ernest Gaines)*. Jackson: University Press of Mississippi, 1995.

Metzker, Isaac, ed. and comp. *A Bintel Brief: Sixty Years of Letters from the Lower East Side to the Jewish Daily Forward (Resumo de Bintel: Sessenta Anos de Cartas do Lado Leste Inferior para a Frente Diária Judaica)*. Nova Iorque: Schocken Books, [1990] c1971. Dist. by Pantheon Books.

Muller, Gilbert H. *New Strangers in Paradise: The Immigrant Experience and Contemporary American Fiction (Novos Estrangeiros no Paraíso: A Experiência Imigrante e a Ficção Norte-Americana Contemporânea)*. Lexington: University Press of Kentucky, 1999.

Sachs, Susan. "American Dream, No Illusions; Immigrant Literature Now About More than Fitting In." (O Sonho Americano, Sem Ilusões; a Literatura dos Imigrantes Agora Mais do que Adaptada) *The New York Times*, January 9, 2000, Sec. 1, p. 21:4.

Serafin, Steven R. and Bendixen, Alfred, eds. *Encyclopedia of American Literature (Enciclopédia da Literatura Norte-Americana)*. New York: Continuum, 1999.

Sollors, Werner. *Beyond Ethnicity: Consent and Descent in American Culture (Além da Etnia: Harmonia e Linhagem na Cultura Norte-Americana)*. New York: Oxford University Press, 1986.

Sollors, Werner, ed. *Multilingual America: Transnationalism, Ethnicity, and the Languages of American Literature (A América Poliglota: Transnacionalismo, Etnia e os Idiomas da Literatura Norte-Americana)*. New York: New York University Press, 1998.

Shange, Ntozake, ed. *Beacon Best of 1999: Creative Writing by Women and Men of All Colors (Os Melhores de 1999 da Beacon: Literatura Criativa de Homens e Mulheres de Todas as Cores)*. Boston: Beacon Press, 1999.

Yeziarska, Anzia. *How I Found America: Collected Stories " (Como Encontrei a América: Coletânea de Histórias)*. Nova Iorque: Persea Books, 1991.

"Sites" na Internet

Arquivos Eletrônicos de Ensino e Literaturas Norte-Americanas (Universidade de Georgetown)
<http://www.georgetown.edu/tamlit/tamlit-home.html>
Os Arquivos Eletrônicos, projetados como recurso complementar da lista eletrônica de discussão T-AMLIT, contêm ensaios, resumos, bibliografias e outros recursos para o ensino das diversas literaturas dos Estados Unidos. Os arquivos são criados e mantidos pelo Centro de Projetos Eletrônicos de Estudos da Cultura Norte-Americana (CEPACS) do Programa de Estudos Norte-Americanos da Universidade de Georgetown e são patrocinados pela Universidade de Georgetown e pela Heath Publishing Company, do Distrito de Colúmbia.

Recursos Literários - Etnias e Nacionalidades
<http://andromeda.rutgers.edu/~jlynch/Lit/ethnic.html>
Elaborado por Jack Lynch, professor de inglês da Universidade de Rutgers, esta página indica "sites" que abordam raça, etnia ou identidade nacional. "Links" para escritores específicos aparecem na sua página de literatura norte-americana:
<http://andromeda.rutgers.edu/~jlynch/Lit/american.html>

MELUS: Sociedade para o Estudo da Literatura Multi-Etnica dos Estados Unidos
<http://duchess.lib.csufresno.edu/SubjectResources/Multicultural/MELUS/>

As publicações, periódicos, atividades e anúncios da MELUS podem ser encontradas nesta página, bem como "links" para o servidor de listas, MELUS-L. Consulte recursos específicos sobre Literatura Étnica na Web a partir da Biblioteca Henry Madden, Universidade do Estado da Califórnia, Fresno.
<http://duchess.lib.csufresno.edu/SubjectResources/Multicultural/MELUS/LiteraryResources.html>

Associação da Linguagem Moderna da América (MLA)
<http://www.mla.org/>

Por mais de cem anos, os membros da MLA trabalharam para fortalecer o estudo e o ensino da língua e da literatura. A organização promove uma convenção anual e outros encontros, trabalha com organizações relacionadas e mantém um programa editorial em ciências humanas.

Fundação Nacional de Ciências Humanas
<http://www.neh.gov/>

Esta agência independente do governo norte-americano, criada em 1965, é o maior financiador de programas de ciências humanas nos Estados Unidos. Sua missão é a de "enriquecer a vida cultural norte-americana através da promoção do conhecimento da história humana, pensamento e cultura em toda a nação". A Fundação oferece doações para projetos de ciências humanas de alta qualidade em quatro áreas de financiamento: preservar e proporcionar

Voices do Vácuo: Mulheres Escritoras de Cor
<http://voices.cla.umn.edu/index.html>
Projeto da Universidade de Minnesota que aborda a vida e a obra de mulheres escritoras de cor na América Norte. Destinado principalmente a servir de componente ativo de aprendizado nos cursos de literatura, o "site" emprega estudantes e acadêmicos de todo o mundo para contribuir em "home pages" de autores para mulheres escritoras de cor. Cada página de autor apresenta informações biográficas, críticas e bibliográficas sobre a escritora, imagens e citações referentes à sua vida e obra e "links" para outros recursos na Internet que contenham informações relevantes sobre a escritora. O caminho "Encontre as escritoras com base nos seus antecedentes raciais/étnicos" oferece indicações de escritoras afro-americanas, asiático-americanas, chicanas/latinas, indianas/árabes/do Oriente Médio e indígenas/nativas americanas. Além das páginas de escritoras, que compreendem o centro desse "Web site", existe uma lista de "sites" relacionados com o estudo de mulheres escritoras de cor.

Literatura Árabe-Americana

Abinader, Elmaz. *"Children of the Roomjee: A Family's Journey"* (Filhos do Roomjee: A Viagem de uma Família). Nova Iorque: Norton, 1991.

Abinader, Elmaz. *"In the Country of My Dreams: Poetry by Elmaz Abinader"* (No País dos Meus Sonhos: A Poesia de Elmaz Abinader). Oakland, CA: Sufi Warrior, 1999.

Hall, Loretta, ed. *"Arab American Voices"* (Vozes Árabe-Americanas). Detroit, MI: U X L, 1999.

Kadi, Joanna, ed. *"Food for Our Grandmothers: Writings by Arab-American and Arab-Canadian Feminists"* (Alimento para Nossas Avós: Escritos de Feministas Árabe-Americanas e Árabe-Canadenses). Boston: South End Press, 1994.

Mattawa, Khaled e Akash, Munir, eds. *"Post Gibran: Anthology of New Arab American Writing"* (Pós-Gibran: Antologia da Nova Literatura Árabe-Americana). Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2000.

Orfalea, Gregory e Elmusa, Sharif, eds. *"Grape Leaves: A Century of Arab-American Poetry"* (Folhas de Parreira: Um Século de Poesia Árabe-Americana). Salt Lake City: University of Utah Press, 1988.

Shakir, Evelyn. *"Bint Arab: Arab and Arab American Women in the United States"* (Bint Árabe: As Mulheres Árabes e Árabe-Americanas nos Estados Unidos). Westport, Conn.: Praeger, 1997.

"Sites" na Internet

Al Jadid

<http://www.aljadid.com/>

Esta "Revista e Registro da Cultura e das Artes Árabes" oferece resumos e críticas de novos títulos árabes em idioma inglês; ela também publica e traduz textos de escritores e acadêmicos árabes. Também são incluídas críticas literárias e entrevistas com intelectuais como Edward Said, Youssef Chahine e Etel Adnan.

A Descoberta da Ficção Árabe

<http://www.geocities.com/Athens/Oracle/3439/arabfiction.html>

Uma bibliografia anotada de ficção de destaque de escritores árabes e árabe-americanos.

O Oásis da Mídia: Jornalismo, Questões Árabe-Americanas, Política e Liberdade de Pensamento
<http://www.hanania.com/>

Ray Hanania, conhecido escritor e jornalista residente em Chicago, inclui informações sobre a literatura, cultura e política árabe-americana nesse "site". Ele também oferece "links" para organizações árabe-americanas.

Literatura Asiático-Americana

Bloom, Harold, ed. *Asian-American Writers (Escritores Asiático-Americanos)*. Filadélfia: Chelsea House Publishers, 1999.

Cheung, King-Kok, ed. *Words That Matter: Conversations with Asian American Writers (Palavras Importantes: Conversas com Escritores Asiático-Americanos)*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2000.

Chin, Frank et al., eds. *Aiieeee! An Anthology of Asian-American Writers " (Aiieeee! Antologia de Escritores Asiático-Americanos)*. Washington: Howard University Press, 1974.

Hagedorn, Jessica, ed. *Charlie Chan Is Dead: An Anthology of Contemporary Asian American Fiction (Charlie Chan Está Morto: Antologia de Ficção Asiático-Americana Contemporânea)*. Nova Iorque: Penguin Books, 1993.

Hongo, Garrett, ed. *The Open Boat: Poems from Asian America " (O Barco Aberto: Poemas da América Asiática)*. Nova Iorque: Anchor Books Doubleday, 1993.

Kim, Elaine H. *Asian American Literature: An Introduction to the Writings and Their Social Context (A Literatura Asiático-Americana: Introdução aos Escritos e seu Contexto Social)*. Filadélfia: Temple University Press, 1982.

Leonard, George, ed. *The Asian Pacific American Heritage: A Companion to Literature and Arts (A Herança Asiático-Pacífico-Americana: Companheira da Literatura e das Artes)*. Nova Iorque: Garland, 1999.

Lim, Shirley Geok-lin, ed. *Asian American Literature: An Anthology (Literatura Asiático-Americana: Uma Antologia)*. Lincolnwood, IL: NTC Pub. Group, 2000.

Lim, Shirley Geok-lin, ed. *Tilting the Continent: Southeast Asian American Writing (Cobrindo o Continente: a Literatura Sudeste Asiático-Americana)*. Mineápolis, MN: New Rivers Press, 2000.

Lim, Shirley Geok-lin and Ling, Amy, eds. *Reading the Literature of Asian America (Leitura da Literatura Asiático-Americana)*. Filadélfia: Temple University Press, 1992.

Ling, Amy, ed. *Yellow Light: The Flowering of Asian American Arts " (Luz Amarela: O Florescimento das Artes Asiático-Americanas)*. Filadélfia: Temple University Press, 1999.

Wong, Shawn, ed. *Asian American Literature: A Brief Introduction and Anthology (Literatura Asiático-Americana: Breve Introdução e Antologia)*. Nova Iorque: HarperCollins College, 1996.
Dis. Distr. por Addison Wesley Longman como parte da Pesquisa Literária Norte-Americana.

"Sites" na Internet

Guia de Recursos de Estudos Asiático-Americanos
<http://www.usc.edu/isd/archives/ethnicstudies/asian/>
Do Projeto de Estudos Étnicos da Universidade do Sul da Califórnia, este "site" contém recursos sobre literatura asiático-americana, crítica literária e materiais gerais de referência. Também estão incluídos "links" para coleções especializadas em universidades e outras organizações.

Oficina dos Escritores Asiático-Americanos
<http://www.panix.com/~aaww/>
Esta organização de arte comunitária é dedicada ao desenvolvimento, criação, publicação e disseminação da literatura asiático-americana. Suas quatro divisões (Programas, Publicações, Artes na Educação e Livrarias) são representadas na página Web, que também contém informações sobre programas, eventos próximos e como tornar-se membro.

SCRAAL: Crítica Contemporânea de Seattle da Literatura Asiático-Americana
<http://www.scraal.com>
Atualizada a cada dia da semana, esta publicação "on-line" fornece críticas literárias e entrevistas com escritores asiático-americanos. Os extensos "links" incluem periódicos literários, poesia, jornais e revistas, editores, teatro e estudos asiático-americanos.

O Ensino da Literatura Asiático-Americana
http://www.georgetown.edu/tamlit/essays/asian_am.html

Escrito pelo falecido Dr. Amy Ling, notável acadêmico da Universidade de Wisconsin em Madison, este ensaio da publicação da Antologia Heath define o cenário para estudantes novos neste campo.

Literatura Negra Americana

Donalson, Melvin, ed. *Cornerstones: An Anthology of African American Literature (Alicerces: Antologia de Literatura Afro-Americana)*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1996.

Gates, Henry Louis and McKay, Nellie Y., eds. *Norton Anthology of African American Literature (Antologia Norton de Literatura Afro-Americana)*. Nova Iorque: Norton, 1996.

McMillan, Terry, ed. *Breaking Ice: An Anthology of Contemporary Black Writers (Quebrando o Gelo: Antologia de Escritores Negros Contemporâneos)*. Nova Iorque: Penguin, 1990.

Rowell, Charles H. and Julien, Claude. "John Edgar Wideman: The European Response; Special Issue." (John Edgar Wideman: A Resposta Européia; Edição Especial) *Callaloo*, verão de 1999, edição integral. Consulte o índice em:
<http://www.press.jhu.edu/journals/callaloo/toc/cal22.3.html>

Smith, Rochelle and Jones, Sharon L., eds. *The Prentice Hall Anthology of African American Literature (Antologia Prentice Hall de Literatura Afro-Americana)*. Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall, 1999.

Stepto, Robert B. *Blue as the Lake: A Personal Geography (Azul como o Lago: Geografia Pessoal)*. Boston: Beacon Press, 1998.

Stepto, Robert B. *From Behind the Veil: A Study of Afro-American Narrative " (Detrás do Véu: Estudo da Narrativa Afro-Americana)*. 2ª ed. Urbana: University of Illinois Press, 1991.

Worley, Demetrice A. and Perry, Jesse, Jr., eds. *African-American Literature: An Anthology (Literatura Afro-Americana: Uma Antologia)*. 2ª ed. Lincolnwood, IL: NTC Publishing Group, 1998.

Young, Kevin, ed. *Giant Steps: The New Generation of African American Writers (Passos de Gigante: A Nova Geração de Escritores Afro-Americanos)*. Nova Iorque: HarperCollins, 1999.

"Sites" na Internet

Literatura Afro-Americana
http://www.usc.edu/isd/archives/ethnicstudies/africanamerican/black_lit_main.html

Do Projeto de Estudos Étnicos da Universidade do Sul da Califórnia, este "site" contém recursos sobre literatura afro-americana, crítica literária, artigos, dissertações e materiais de referência geral.

Literatura e História Afro-Americana
<http://falcon.jmu.edu/~ramseyil/afroamer.htm>
Inclui um breve histórico da literatura afro-americana, textos eletrônicos "on-line" do Centro Schomburg da Biblioteca Pública de Nova Iorque, texto integral de poesia de diversos poetas afro-americanos e documentos de pesquisa "on-line" sobre literatura de e sobre negros.

Recursos de Literatura Afro-Americana (Universidade de Osaka)
<http://jupiter.lang.osaka-u.ac.jp/~krkvl/afrolit.html>
Esta relação abrangente de recursos de literatura afro-americana na Internet inclui leitores e editores de livros, publicações recentes, bibliografias, escritores e suas obras, periódicos e críticas.

Africana.com
<http://www.africana.com/>
Este "site" é produzido pelos co-editores de Microsoft® Encarta® Africana, incluindo os Professores Henry Louis Gates Jr. e Kwame Anthony Appiah. Sua finalidade é a de promover o entendimento da história e da cultura negra e promover o uso educacional de Microsoft® Encarta® Africana em residências, escolas, universidades e empresas. Sua cobertura inclui o estilo de vida, herança cultural, visão de mundo e arte afro-americana.

Blackwriters.org
<http://www.blackwriters.org/nsindex.html>
Blackwriters.org é a página Web da Liga de Escritores Afro-Americanos "On-Line". A página é dedicada a "educar, informar, apoiar e capacitar escritores afro-americanos aspirantes e publicados... A Liga é dedicada a fornecer informações, notícias, recursos e apoio aos escritores negros, promovendo a Internet como ferramenta de pesquisa e companheirismo entre a comunidade cultural literária."

Mulheres de Cor, Mulheres de Palavras
<http://www.scils.rutgers.edu/~cybers/home.html>
Mantido pela Faculdade de Comunicação,
Informação e Estudos de Biblioteconomia/SCILS da
Universidade de Rutgers, este "site" é dedicado à
obra de mulheres dramaturgas afro-americanas. Ele
inclui uma lista em ordem alfabética de recursos que
contêm informações críticas e biográficas sobre
mulheres escritoras afro-americanas. As páginas das
escritoras individuais relacionam as obras das
autoras. Os livros marcados com o logotipo da
Amazon.com são disponíveis para venda.

Literatura Hispano-Americana

Augenbraun, Harold and Stavans, Ilan, eds. *Growing Up Latino: Memoirs and Stories (Crescendo como Latino: Histórias e Reminiscências)*. Boston: Houghton Mifflin, 1993.

Cortina, Rodolfo, ed. *Hispanic Literature: An Anthology " (Literatura Hispânica: Uma Antologia)*. Lincolnwood, IL: NTC Pub. Group, 1997.

Dick, Bruce and Sirias, Silvio, eds. *Conversations with Rudolfo Anaya " (Conversas com Rudolfo Anaya)*. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

Flores, Lauro, ed. *The Floating Borderlands: Twenty-five Years of U.S. Hispanic Literature (As Fronteiras Flutuantes: 25 Anos de Literatura Hispânica nos Estados Unidos)*. Seattle: University of Washington Press, 1998.

Gonzalez, Ray, ed. *Currents from the Dancing River: Contemporary Latino Fiction, Nonfiction, and Poetry " (Correntes do Rio Dançante: Ficção, Não-Ficção e Poesia Latina Contemporânea)*. Nova Iorque: Harcourt Brace, 1994.

Gonzalez, Ray, ed. *Mirrors Beneath the Earth: Short Fiction by Chicano Writers " (Os Espelhos Abaixo da Terra: Contos de Escritores Chicanos)*. Willimantic, CT: Curbstone Press, 1992.
Dist. por InBook, East Haven, CT.

Lopez, Tiffany Ana, ed. *Growing Up Chicana/o: An Anthology " (Crescendo como Chicano(a): Uma Antologia)*. Nova Iorque: Morrow, 1993.

Kanellos, Nicolas, ed. *Hispanic American Literature: A Brief Introduction and Anthology (A Literatura Hispano-Americana: Breve Introdução e Antologia)*. Nova Iorque: HarperCollins College, 1995.
Dist. por Addison Wesley Longman como parte da Pesquisa Literária Norte-Americana.

Kanellos, Nicolas, ed. *Short Fiction by Hispanic Writers " (Contos de Escritores Hispânicos)*. Houston, TX: Arte Público Press, 1993.

Milligan, Bruce; Guerrero, Mary, and de Hoyos, Angela, eds. *Daughters of the Fifth Sun: A Collection of Latina Fiction and Poetry " (Filhas do Quinto Sol: Coletânea de Ficção e Poesia Latina)*. Nova Iorque: Riverhead Books, 1995.

Poey, Delia and Suarez, Virgil, eds. *Iguana Dreams: New Latino Fiction (Sonhos com Iguas: A Nova Ficção Latina)*. Nova Iorque: HarperPerennial, 1992.

Poey, Delia and Suarez, Virgil, eds. *Little Havana Blues: A Cuban-American Literature Anthology (Pequeno "Havana Blues": Antologia Literária Cubano-Americana)*. Houston, TX: Arte Público Press, 1996.

Santiago, Roberto, ed. *BORICUAS: Influential Puerto Rican Writings -- An Anthology (BORICUAS: Escritos Portorriquenhos Influentes - Uma Antologia)*. Nova Iorque: Random House, 1995.

Soto, Gary, ed. *Pieces of the Heart: New Chicano Fiction (Pedaços do Coração: A Nova Ficção Chicana)*. San Francisco: Chronicle Books, 1993.

"Sites" na Internet

Literatura Americana

<http://www.hisp.com/may99/americano.html>

Neste artigo da edição de maio de 1999 de "Hispanic", Mary Helen Ponce aborda como os escritores hispano-americanos contribuíram para o panorama literário dos Estados Unidos desde a época dos primeiros exploradores espanhóis. Inclui uma abrangente relação de literatura latina.

CLNet – Biblioteca

<http://cnet.ucr.edu/library/library.html>

Este "site" do Centro de Pesquisa e Estudos Chicanos da UCLA possui alguns "links" úteis para coleções "on-line", arquivos e recursos de referência, catálogos, editoras, livros, revistas e outras publicações eletrônicas.

Centro de Arte Cultural de Guadalupe - Literatura

<http://www.guadalupeculturalarts.org/lit.html>

A missão deste Centro de San Antonio (Texas) é a de preservar, promover e desenvolver as artes e a cultura dos povos chicanos/latinos/nativos americanos. Dentre as atividades promovidas pelo seu programa literário, encontra-se a Feira de Livros e Festival Literário Inter-Americano Anual de San Antonio, que apresenta diversos escritores chicanos de importância internacional. O festival é "o evento público isolado mais importante dos Estados Unidos para novos escritores latinos", de acordo com seus organizadores.

Literatura Mexicano-Americana

http://www.usc.edu/isd/archives/ethnicstudies/mexi-amer_lit.html

Do Projeto de Estudos Étnicos da Universidade do Sul da Califórnia, este "site" relaciona recursos sobre a história literária mexicano-americana e fornece materiais de referência.

Vozes Americanas - Celebração de Escritos de Autores Norte-Americanos de Origem Latina para Leitores de Todas as Idades

[http://www.humanities-](http://www.humanities-interactive.org/vocesamericanas/index.html)

[interactive.org/vocesamericanas/index.html](http://www.humanities-interactive.org/vocesamericanas/index.html)

Esta página cheia de gráficos é baseada em uma exibição realizada pelo Centro de Recursos de Ciências Humanas do Texas, cuja curadora foi a Dra. Roberta Fernandez. Imagens das páginas-título de inúmeras obras literárias representativas da literatura latina ao longo dos anos são intercaladas com descrições do seu conteúdo. É de particular interesse o ensaio "Trinta Anos de Literatura Hispânica nos Estados Unidos".

[http://www.humanities-](http://www.humanities-interactive.org/vocesamericanas/thirtyyears.htm)

[interactive.org/vocesamericanas/thirtyyears.htm](http://www.humanities-interactive.org/vocesamericanas/thirtyyears.htm)

Literatura Nativa Americana

Bruchac, Joseph, ed. *Returning the Gift: Poetry and Prose from the First North American Native Writers' Festival (Devolvendo o Presente: Poesia e Prosa do Primeiro Festival de Escritores Nativos Norte-Americanos)*. Tucson: University of Arizona Press, 1994.

Bruchac, Joseph; Witalec, Janet; and Malinowski, Sharon, eds. *Smoke Rising: The Native North American Literary Companion " (Sinais de Fumaça: A Companhia Literária Nativa Norte-Americana)*. Detroit: Visible Ink Press, 1995.

Forbes, Jack D. *Only Approved Indians (Apenas Índios Aprovados)*. Norman: Universidade do Oklahoma, 1995.

Harvey, Karen, ed., with Lisa Harjo. *American Indian Voices (Vozes Indígenas Americanas)*. Brookfield, CT: Millbrook Press, 1995.

Hobson, Geary, ed. *The Remembered Earth: An Anthology of Contemporary Native American Literature (Reminiscências da Terra: Antologia de Literatura Nativa Americana Contemporânea)*. Albuquerque, NM: Red Earth Press, 1979.

Isernhagen, Hartwig, ed. *Momaday, Vizenor, Armstrong: Conversations on American Indian Writing (Momaday, Vizenor, Armstrong: Conversas sobre Literatura Indígena Norte-Americana)*. Norman: University of Oklahoma Press, 1999.

Momaday, N. Scott. *The Man Made of Words: Essays, Stories, Passages (O Homem Feito de Palavras: Ensaaios, Histórias, Passagens)*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1997.

Niatum, Duane, ed. *Harper's Anthology of 20th Century Native American Poetry (Antologia Harper de Poesia Nativa Americana do Século XX)*. San Francisco: Harper and Row, 1988.

Ortiz, Simon J., ed. *Speaking for the Generations: Native Writers on Writing (Falando para Gerações: Escritores Nativos na Literatura)*. Tucson: University of Arizona Press, 1998.

Trout, Lawana, comp. *Native American Literature: An Anthology " (Literatura Nativa Americana: Uma Antologia)*. Lincolnwood, IL: NTC Pub. Group, 1999.

Velie, Alan R., ed. *American Indian Literature: An Anthology (Literatura Indígena Norte-Americana: Uma Antologia)*. Ed. Rev. Norman: University of Oklahoma Press, 1991.

Velie, Alan R., ed. *The Lightning Within: An Anthology of Contemporary American Indian Fiction (O Relâmpago Interior: Antologia de Ficção Indígena Norte-Americana Contemporânea)*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991.

Vizenor, Gerald. *Native American Literature: A Brief Introduction and Anthology (Literatura Nativa Americana: Breve Introdução e Antologia)*. Nova Iorque: HarperCollins College, 1995. Distr. por Addison Wesley Longman como parte da Pesquisa Literária Norte-Americana.

Whitson, Kathy J. *Native American Literatures: An Encyclopedia of Works, Characters, Authors, and Themes (Literaturas Nativas Americanas: Enciclopédia de Obras, Personagens, Autores e Temas)*. Santa Bárbara, CA: ABC-Clío, 1999.

Witalec, Janet, ed. *Native North American Literature (Literatura Nativa Norte-Americana)*. Detroit: Gale Research, 1994.

"Sites" na Internet

Recursos da Literatura Indígena Norte-Americana (Universidade de Osaka)

<http://jupiter.lang.osaka-u.ac.jp/~krkvl/literature.html>

Esta lista abrangente de recursos sobre literatura nativa americana na Internet inclui leitores e editores de livros, publicações recentes, bibliografias, autores e suas obras, periódicos e críticas.

Textos Indígenas Norte-Americanos "On-Line" (Universidade de Osaka)

<http://jupiter.lang.osaka-u.ac.jp/~krkvl/writers.html>

Prosa clássica e contemporânea e textos de poesia podem ser acessados através deste "site", bem como críticas literárias e entrevistas com escritores nativos americanos.

Escritores Nativos Americanos

<http://www.ipl.org/ref/native>

Pesquisável por título, tribo e autor, este "site" oferece bibliografias de obras publicadas, informações biográficas e "links" para recursos "on-line": entrevistas, textos e páginas Web tribais. Dá-se ênfase aos escritores nativos americanos contemporâneos.

"Sites" Nativos Americanos

<http://www1.pitt.edu/~lmitten/indians.html>

Lisa A. Mitten, bibliógrafa da Universidade de Pittsburgh, compilou esta página para "proporcionar acesso às 'home pages' de nativos americanos individuais e nações, bem como a outros "sites" que forneçam informações sólidas sobre os índios americanos". Os escritores e contadores de histórias nativos americanos estão entre as categorias cobertas por este "site" abrangente.

NativeWeb

<http://www.nativeweb.org/>

Esta organização educacional internacional sem fins lucrativos utiliza a Internet para disseminar informações sobre nações, povos e organizações nativas, aborígenes ou indígenas. O Centro de Recursos oferece um diretório pesquisável de numerosos "links" relacionados com artes e literatura nativa americana.

Os Contadores de Histórias: Escritores Nativos Americanos "On-line"

<http://www.hanksville.org/storytellers/>

Inclui "links" para "home pages" oficiais e não-oficiais de escritores nativos americanos, bem como algumas publicações em texto integral, críticas e informações sobre eventos próximos. Também são aqui descritos os prêmios do Círculo de Escritores Nativos das Américas.

<http://www.hanksville.org/storytellers/awards/>

Biblioteca Virtual WWW - Índios Americanos - Índice de Recursos de Textos Eletrônicos Nativos Americanos na Internet

http://www.hanksville.org/NAresources/indices/NAet_ext.html

Textos integrais de livros, artigos, poesia e entrevistas de e sobre nativos americanos podem ser acessados aqui.

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 5

PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

NÚMERO 1

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DOS ESTADOS UNIDOS.

PERSPECTIVAS MULTICULTURAIS



— FEVEREIRO DE 2000 —